

Por que os generais temem a sucessão



Na assembleia em pleno centro da cidade, os vigilantes exigem adicional pelo risco de vida que correm.

A explosiva greve dos vigilantes de S. Paulo

Eles são 60 mil; trabalham armados, morrem às dezenas, vivem na miséria. Pág. 8

O general Figueiredo fala sozinho quando tenta adiar o tratamento da sucessão presidencial. A sucessão já está nas ruas. Em volta do próprio general-presidente, os conchavos dos donos do poder não tratam de outra coisa. Na oposição e entre o povo cresce a exigência de eleição direta do presidente da República. É o assunto do dia. Compreende-se, no entanto,

os temores dos generais. Em toda a história do Brasil republicano, antes e depois do golpe de 1964, a sucessão sempre deu em confusão, crises, golpes e contragolpes, divisão das classes dominantes. E em algumas vezes o povo soube tirar proveito disso. Na página 3, uma recapitulação destes exemplos do passado, tão importantes hoje.

Metalúrgicos em campanha rejeitam salário de fome

As grandes assembleias em São Bernardo e as greves de Taubaté estão na pag. 8

Só em março três greves gerais na América Latina

No Peru, Equador e Argentina os trabalhadores pararam as máquinas contra a política criminoso do FMI. Pág. 2

PC do Brasil divulga resultado de seu congresso

O jornal A Classe Operária anuncia a realização do Congresso e publica mensagem aos operários. Página 4

EDITORIAL

A crise não é nossa

Depois de 19 anos promovendo tropelias no país, os militares este ano foram constrangidos a comemorar o maldadado golpe de 1964 apenas dentro dos muros dos quartéis. Com a evidente condenação pública manifestada pelo resultado das eleições de 15 de novembro, fica difícil fazer festas em praças e ruas das cidades.

E tão longe foram na agressão à pátria e ao povo que até nas suas fileiras crescem os atritos, que vão se tornando de conhecimento geral. O general Serpa, por exemplo, mais sensível aos apelos patrióticos, seguidamente vem se manifestando contra a entrega de nossas riquezas ao capital estrangeiro e mais recentemente contra os acordos vergonhosos com o FMI. Certamente contando com respaldo de outros patriotas, o general declarou com firmeza que não temos de pagar o que não devemos.

Mas, se as festas são nos quartéis, a dominação dos generais continua em todos os ramos da atividade — desde a presidência da República até o controle de cada cidadão, espionagem e vigiados diariamente em casa, no trabalho e nas ruas por um infundável sistema de informações e por uma polícia extremamente violenta. Isolados e desgastados no poder, os golpistas falam agora em diálogo. "O diálogo é a saída das saídas" diz o brigadeiro Delio Jardim, ministro da Aeronáutica na sua ordem do dia para o aniversário da quartelada de 17 de abril. Ainda acrescenta: "governo e governo, oposição é oposição, mas a crise é de todos".

Não, senhor general. Não julgue que o povo é tolo. Os trabalhadores passam fome e vivem na miséria em consequência da crise. Mas a crise é do sistema capitalista e mais particularmente do "modelo" implantado pelo golpe de 1964, atrelado até a medula ao capital internacional. A crise não é de todos e nem sairemos dela juntos.

Pelo contrário. Os generais, defensores intransigentes dos monopólios, em geral associados ao capital internacional e do próprio imperialismo, estes afundarão como ostras naufraga. Mas o povo brasileiro só poderá sair da crise exatamente combatendo o atual sistema dominante, libertando-se dele e atuando energeticamente para apressar o seu fim. E construindo um novo regime, de democracia popular em marcha para o socialismo.

O Brasil é hoje administrado pelo FMI, com a cooperação direta do governo de traição nacional mantido pelos generais através da violência e do arbítrio. A orientação política econômica, que esta associação espúria impõe ao país só tende a agravar cada vez mais a crise. Contra isto formam-se dois vigorosos movimentos de oposição. Grandes forças se mobilizam na busca da liberdade e grandes forças se levantam contra a intervenção estrangeira, em procura da verdadeira independência nacional.

O inimigo comum destes movimentos de oposição é o regime militar que agora faz 19 anos com festas nos quartéis. E o regime militar o inimigo público número um e o responsável maior pela situação em que se encontra o país. A luta patriótica e a luta democrática são portanto duas vertentes que se completam e que reclamam, todas as duas, o fim do regime. Em torno destas questões vêm se aglutinando os movimentos populares e as correntes democráticas no país. Uma grande questão que se apresenta, para que esta luta ganhe novo impulso, é encontrar formas para que se estruture de forma mais definida esta frente única, democrática e de unidade popular. Sobre isto se debruçam os lutadores mais conscientes, enquanto na caserna, os generais festejam mas, ao mesmo tempo, se deprimam na disputa pela sucessão.



Uma das "Mães da Praça de Mayo", presente ao encontro, com o cartaz exigindo justiça.

Mães latino-americanas clamam contra ditaduras

Reunidas em Porto Alegre familiares de desaparecidos no Cone Sul. Pág. 8

Filme político vence festival de Gramado

"Sargento Getúlio", o grande vencedor do mais importante festival de cinema do país. Pág. 7

Guardas ferem a tiros o líder Calé em Centerville

Ao entrar na sala de cirurgia, ele afirmou que continuaria a luta. Página 5

O primeiro crime do metrô carioca

A tragédia prevista pela 10 (nº 109) se confirmou. Antônio Pereira Mercadante, 83 anos, jornalista muito conhecido e popular, foi a primeira vítima fatal da inauguração irresponsável da Linha 2 do Metrô do Rio. Morreu às 16h30 de terça-feira, na passagem de nível entre a estrada Vicente de Carvalho e a Avenida Antonsvel Clube, atropelado pelo trem de manutenção do Metrô 1804.

A revolta dos moradores é enorme. Todos consideram que houve um verdadeiro assassinato, cometido por quem inaugurou a linha sem passarelas, para boicotar o novo governo oposicionista do Estado. Quando o sr. Antônio foi morto, não havia guardas de sinalização para avisar aos pedestres que o trem ia passar.

O medo e o desespero tomam conta de quem mora próximo à linha. Um amigo do jornalista, revoltado, comentou: "O Antônio se foi, qualquer dia sou eu, ou minha mulher ou meus filhos". Quarta-feira os moradores de Madureira fizeram uma manifestação de protesto perto do local do crime. (da sucursal).

Lei de Segurança vai para o banco dos réus

No dia de Tiradentes um julgamento presidido por Teotônio Vilela. Pág. 3



Três greves gerais num mês

Março foi o mês das greves gerais na América Latina. A última delas, com adesão total, foi a de segunda-feira passada na Argentina. Antes ocorreram as do Equador e do Peru, onde uma feroz repressão policial deixou um saldo de vários mortos e feridos.

Em todo o continente, é este o caminho do povo trabalhador para barrar a política de fome do FMI. E o sucesso das últimas greves gerais é uma lição também para nós, trabalhadores brasileiros.

Argentina: um plebiscito contra o governo militar

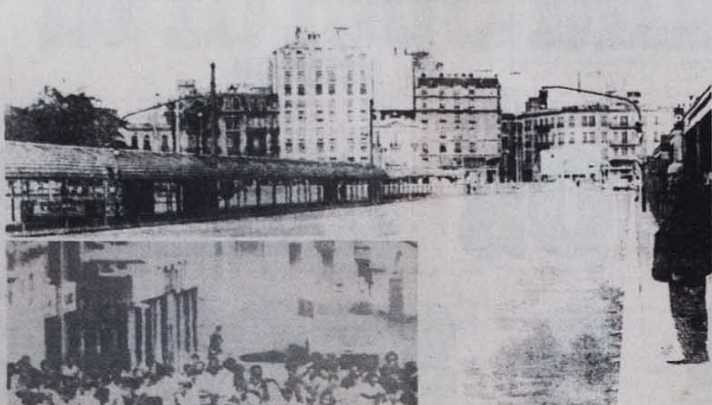
A greve geral de 28 de março na Argentina foi uma espetacular manifestação contra o governo militar do general Bignone e sua política de submissão ao FMI. Segundo Saul Ubaldini, líder da Confederação Geral do Trabalho mais combativa (há duas CGTs na Argentina), foi "um êxito do movimento operário e do povo argentino, foi um plebiscito nacional que demonstrou a contradição de popular com o estado do país".

De fato, a greve expressou melhor que uma eleição o ponto de vista dos argentinos. O noticiário das rádios era interrompido por cinco minutos de hora em hora, em apoio à greve, e dava as taxas de paralisação: Buenos Aires 96%; Santa Fé 97%; Bahia Blanca 99%.

O próprio ministro do Interior reconheceu que nos grandes centros a adesão foi de 96%.

O regime fez tudo para esvaçar o movimento. Três dias antes, anunciou um aumento de 12% nos salários e 29% no salário mínimo. Mas as duas Confederações mantiveram a greve, exigindo aumentos que compensem a astronômica inflação argentina, de 245% ao ano.

Ainda na véspera do dia D, o governo decretou a greve ilegal. Ameaçou quem parasse com punições e descontos nos salários.



Cenas de greve geral na Argentina (acima), Equador e Peru (ao lado). O inimigo é a linha do FMI

Horas depois, detinha o próprio Ubaldini e o dirigente dos caminhoneiros, Angel Vivanco. Mas a esmagadora adesão à greve forçou os generais a recuar e pelo resto do dia tudo transcorreu numa absoluta "normalidade".

O estrondoso êxito da paralisação não caiu do céu nem foi conquistado de golpe. É fruto de todo um processo de mobilização e luta dos trabalhadores, que incluiu até duas greves gerais anteriores, onde a adesão fora mais fraca. A raiz da escalada de insatisfação popular está na absoluta falência do modelo econômico entreguista. Após sete anos de ditadura militar, a Argentina não tem como pagar a dívida externa de 40 bilhões de dólares e a produção industrial entrou em colapso.

A crise culminou com um vergonhoso acordo com o FMI, em novembro passado. Para obter os dólares do Fundo, o governo impôs medidas da mais austera repressão e arrocho. As greves gerais de 6 de dezembro e 28 de março foram justamente a resposta dos trabalhadores. E o sucesso destas duas mobilizações é na verdade o grande responsável pela convocação das eleições diretas para a Presidência da República, marcadas para o final deste ano, datando assim, o fim do arbítrio militar.

Em novembro passado, para obter os dólares do Fundo, o governo impôs medidas da mais austera repressão e arrocho. As greves gerais de 6 de dezembro e 28 de março foram justamente a resposta dos trabalhadores. E o sucesso destas duas mobilizações é na verdade o grande responsável pela convocação das eleições diretas para a Presidência da República, marcadas para o final deste ano, datando assim, o fim do arbítrio militar.

Equador: para revogar a maxidesvalorização

No Equador a greve geral começou com uma paralisação de 48 horas, dias 23 e 24 de março, com apoio da Frente Unitária dos Trabalhadores. A reivindicação central era de que o governo do presidente Osvaldo Larrea revogasse a maxidesvalorização de 27% no sucre (moeda equatoriana), imposta pelo FMI para refinanciar a dívida externa do país. A FUT exigia também um aumento do



salário mínimo e a suspensão dos últimos aumentos nos preços.

A adesão à greve foi maciça, inclusive no setor petrolífero, responsável por 60% das exportações equatorianas. A imprensa local calcula que o prejuízo causado aos patrões foi de 50 milhões de dólares por dia. O governo, democrata-cristão, tentou esmagar o movimento pela força. A polícia matou um estudante a tiros, arrancou o olho de outro com uma granada, numerosos trabalhadores foram feridos e centenas presos.

Este saldo revela o importante papel de apoio desempenhado pelo estudantado, característica já tradicional nas lutas trabalhistas do Equador. Mas todo o povo apoiou a greve, em tal nível que a FUT decidiu prolongá-la.

Também no Equador a paralisação nacional foi a terceira desde que o FMI interviu no país. Uma primeira greve geral, nos dias 22 e 23 de setembro de 1982 atingira apenas 50 a 60% da economia. Outra, em outubro, já teve uma participação de 90%. E na última greve a adesão foi total.

Em novembro passado, para obter os dólares do Fundo, o governo impôs medidas da mais austera repressão e arrocho. As greves gerais de 6 de dezembro e 28 de março foram justamente a resposta dos trabalhadores. E o sucesso destas duas mobilizações é na verdade o grande responsável pela convocação das eleições diretas para a Presidência da República, marcadas para o final deste ano, datando assim, o fim do arbítrio militar.

Peru: a polícia matou quatro num bairro

No Peru a greve geral, de 24

horas, foi no dia 10 de março, puxada pelo CGTP (Confederação Geral dos Trabalhadores Peruanos), com apoio das outras três centrais sindicais de maior peso. A paralisação foi total em Lima e bastante considerável no interior do país.

A repressão do presidente Belaunde Terry foi feroz. O governo decretou estado de emergência nacional e jogou a polícia contra os grevistas, deixando um saldo de quatro mortos, 20 feridos e 500 presos, inclusive quatro líderes da CGTP. As mortes ocorreram no bairro pobre de Comas, na capital, quando a polícia dispersava 500 manifestantes.

As reivindicações do movimento incluíam aumento geral dos salários, congelamento dos preços dos alimentos, estatização dos laboratórios farmacêuticos, demissão dos ministros do Trabalho e do Interior e ainda anulação de todos os acordos com o FMI.

A mobilização do dia 10 foi detonada por um plano de "emergência econômica", ditado pelo FMI, como condição para um novo financiamento. A orientação nada tem de original: desvalorizar o sol (moeda peruana), arrochar os salários, agravar a repressão. (Luís Fernandes).

A barulhenta invasão da CIA na Nicarágua

Milhares de contra-revolucionários, treinados e armados pela CIA, deixaram suas bases em Honduras nos últimos dias para invadir o território da Nicarágua. A "guerra silenciosa" denunciada há tempos pelo governo sandinista torna-se assim uma vasta, barulhenta e perigosa agressão. "Tomaremos o poder em seis meses" — brava-teiam os contras.



Contras é a forma abreviada e irônica com que o povo trata os contra-revolucionários — na maioria antigos integrantes da Guarda Nacional, a força de choque do ex-ditador Anastasio Somoza.

Quando a revolução sandinista triunfou, em 1979, os contras fugiram, na maioria para Honduras, que tem uma fronteira de 700 quilômetros com a região norte da Nicarágua. Dali começaram as provocações armadas contra o novo poder. E agora lançam-se numa ofensiva geral, em nome da chamada FDN (Frente Democrática Nicaraguense), que alardeia ter de 10 a 12 mil homens em armas nas montanhas do país.

Há também outros grupos de contras, menores. A partir da Costa Rica, na fronteira sul, atua a ala de Eden Pastora, homem da social-democracia mundial. Pastora chegou a tomar parte na revolução, mas já então torcia por uma saída social-democrata. Quan-

Integrante da "Operação Pino Grande", sinal para a invasão dos contras, e o embaixador americano Negroponte, coordenador dos comandos somozistas

do viu que não ia dar, fugiu também e passou a pregar a luta armada contra o sandinismo.

Na costa atlântica do país, onde vivem os índios misquitos, os EUA já agiam há muito tempo, com "missões religiosas" nas aldeias, onde chegava-se a falar mais inglês do que espanhol. Como fruto desta "catequese" surgiu agora o grupo contra denominado Misurasta.

ATRAS DE TUDO, A CIA. No momento em que fechamos esta edição, todos estes grupos estavam anunciando grandes ofensivas e planos de derrubada dos sandinistas. É claro como o dia que alguém está coordenando tudo. O governo de Manágua desde o início apontou o dedo da CIA na trama. Ronald Reagan, na terça-feira, esquivou-se de confirmar. Disse que "nunca analisamos abertamente nossas operações de inteligência". Mas a insuspeita revista americana Time, na edição que circulará a 4 de abril, abre o jogo.

Segundo a Time, agentes da CIA e do Comando Sul do Exército dos EUA (sediado na Zona do Canal do Panamá) estão "profundamente comprometidos" e "controlam diretamente" a invasão contra-revolucionária. Uma equipe integralmente formada por americanos controla o comando militar principal da FDN. Este dá as ordens a outro organismo, composto por militares hondurenhos e um argentino. Só as elas são transmitidas para o terceiro comando, integrado por ex-oficiais da Guarda Nacional.

Na coordenação dos três comandos — informa a Time — está o embaixador dos Estados Unidos em Honduras, John Dimitrov Negroponte. Esta figura sinistra, que já foi encarregada da embaixada americana em Saigon durante a guerra do Vietnã, conta com um corpo de nada menos de 115 "diplomatas" — a maior missão diplomática dos EUA em toda a América Latina. Sua tarefa: levar a revolução sandinista para o buraco.

A AMEAÇA HONDURENHA

Em si, a invasão atual não representa maiores perigos. Em condições normais, mais difíceis, a Frente Sandinista já derrotou uma vez os somozistas e tem todas as condições para fazê-lo de novo. As coisas se complicam, no entanto, diante do papel sujo que o governo de Honduras tem jogado, a mando da administração Reagan.

"Quando os contras forem derrotados, os Estados Unidos mandarão os soldados hondurenhos" — afirmou há dias um oficial sandinista. Há indicativos incontestáveis de que a previsão se justifica. Os "assessores" militares americanos em Honduras passaram de 18 para 90 em 1983. Situada entre a Nicarágua e El Salvador — onde as guerrilhas golpearam duro uma ditadura pró-norte-americana — Honduras está funcionando como cabeça-de-ponete para a interferência de Reagan na região.

Por sinal, a escalada contra-revolucionária na Nicarágua começou logo após a "Operação Pino Grande", uma manobra militar conjunta, envolvendo 1.600 soldados americanos e 4 mil hondurenhos, a 15 quilômetros da fronteira nicaraguense, em dezembro. Suspeita-se que a "Pino Grande" tenha sido uma cortina de fumaça para que se lançasse de avião sobre a Nicarágua viveres e munições destinados à invasão dos contras.

Isto vale para nós

É quase uma lei: onde o FMI põe a mão, estouram greves gerais, grandes protestos de rua, choques agudos entre o trabalho e o capital. Peru, Argentina e Equador são alguns entre muitos exemplos.

O Fundo, porta-voz do que há de pior no capitalismo financeiro internacional, impõe aonde penetra uma política de fome para o povo. É de sinal aberto para as multinacionais. Isto vale para a Argentina, o Equador, o Peru... e, é bom que se diga, para o Brasil também.

O exemplo de nossos irmãos e vizinhos, espoliados como nós, precisa, merece ser estudado com carinho. Porque — os patrões que não se iludam — a hora e a vez da greve geral está chegando no Brasil.

Reagan lança a "guerra nas estrelas"

Em breve, GUERRA NAS ESTRELAS, estrelando Ronald Reagan? O que é isto? Será que decidiu voltar à sua antiga profissão de ator, numa nova variante da superprodução cinematográfica que foi campeã de bilheteria em todo o mundo?

Infelizmente não é uma obra de ficção científica. Trata-se do mais recente e trágico passo dado pelo cowboy-chefe do imperialismo norte-americano para arrastar o mundo ao holocausto nuclear. No último dia 23, Reagan anunciou ao mundo a sua nova estratégia militar: vai instalar um super-sistema de defesa nuclear no espaço para destruir todos os mísseis soviéticos que forem lançados num ataque contra os EUA.

Para isto serão instalados na órbita terrestre centenas de espelhos com diâmetro máximo de 30 metros, que refletirão poderosos raios laser emitidos da terra e destruirão os mísseis do rival Andropov assim que li-
lança-

dos. Segundo o presidente ianque e seus assessores do Pentágono, este desenvolvimento marcaria uma mudança profunda para uma nova doutrina militar eminentemente "defensiva".

O PRIMEIRO GOLPE

Mas a verdade é bem outra. Esta bárbara concepção de "guerra nas estrelas-1983", se insere justamente na estratégia norte-americana de lançar "o primeiro golpe" — um ataque nuclear contra a URSS, sem que esta possa contra-atacar. A peça central deste projeto no período mais recente se concentrava na instalação dos mísseis Cruise e Pershing na Europa central. Mas como os soviéticos neutralizaram em parte esta ameaça,

com o anúncio da instalação de mísseis semelhantes perto das fronteiras dos EUA (ver TO n.º 111), Reagan já foi mais além.

Com o novo sistema, os Estados Unidos pretendem aniquilar qualquer possibilidade de resposta dos soviéticos, não mais com a destruição imediata dos mísseis em terra, mas com a sua eliminação por raios laser, assim que forem lançados. Cabe ressaltar que o sistema de "defesa" só pode funcionar com a rapidez necessária, se os EUA tomarem a iniciativa de lançar o ataque. Sem isto, o sistema não teria condições de detectar um ataque soviético em tempo de destruir os mísseis inimigos ao serem lançados. Assim, é mais do que evidente que o novo plano de Washington não tem absolutamente nada de defensivo. Muito pelo contrário, é um salto enorme em direção à deflagração da g

E importante também observar como só no último mês a escalada de preparação guerreira, assume uma fase avançada de medidas e contra-medidas de vulto, quase semanais. E apesar dos EUA e da URSS terem firmado um acordo que proíbe o uso de armamentos nucleares no espaço, as respectivas máquinas de guerra utilizam o espaço como um dos palcos do seu "teatro guerreiro".

É neste sentido que o Pentágono financia 70% dos custos do "táxi espacial" Columbia. Os soviéticos também não ficam atrás. Em 1979 a URSS lançou nada menos que 84 satélites militares, contra dez americanos.

ERRATA

Na matéria sobre a ameaça bélica soviética, publicada em nossa edição anterior, saiu, por erro de imprensa, que os mísseis estratégicos da URSS foram instalados em 1950. A data certa é 1959, quando a União Soviética já estava sob o ditame revisionista de Khrushchev.



O deputado José Luis Guedes

Em solidariedade

No pequeno expediente da sessão da Câmara dos Deputados em Brasília, dia 24, nada menos que 12 deputados condenaram a invasão da Nicarágua: João Gilberto, Cares Passos, José Genoíno, Cristina Lavares, José Fogaça, Arthur Virgílio Neto, Dante de Oliveira, Márcio Santilli, Jackson Barreto, Aírton Soares, Eduardo Sulpiçy e José Luiz Guedes.

Um dos discursos mais aguçados foi o de José Luiz Guedes (PMDB-MG). "Os cúmplices de Somoza — afirmou — insistem em lutar contra a história e, escorados num sordido apoio financeiro e militar de Washington, golpeiam criminosamente o legítimo governo sandinista com o objetivo de devolver a Nicarágua ao controle do imperialismo norte-americano. Esta agressão contra a soberania de um país amigo precisa ser duramente condenada. O Brasil deve condenar duramente no Conselho de Segurança da ONU essa agressão imperialista arquitetada diretamente de Washington".

"Tenho certeza — frisou o deputado — que essa estratégia e essas agressões serão, mais uma vez, rechaçadas com vigor pelo heroico e combativo povo nicaraguense. Os irmãos nicaraguenses saberão defender mais uma vez a sua pátria, contribuindo para que o brado de Sandino se transforme em realidade em toda a América Latina. "Os povos oprimidos romperão as cadeias da humilhação com que os imperialistas da terra nos querem subverter. As trombetas que ouviremos, serão os clarins de guerra, entoando os hinos da liberdade dos povos oprimidos contra a injustiça dos opressores", disse Sandino. E assim será, tenho certeza". (da sucursal).

As batalhas pela presidência



A reunião que decidiu levar a julgamento a famigerada lei fascista.

A Lei de Segurança irá para o banco dos réus

Dia 21 de abril próximo — aniversário da execução de Tiradentes — a Lei de Segurança Nacional estará no banco dos réus, num julgamento simulado, presidido pelo grande democrata e patriota Teotônio Vilela. A iniciativa foi decidida na noite de quarta-feira por cerca de 60 representantes de entidades democráticas e populares de São Paulo.

O julgamento deverá ser às 20 horas, no Teatro Municipal de São Paulo, e espera-se contar com um grande público. Na reunião de quarta-feira escolheu-se para preparar-lo uma comissão formada pela Ordem dos Advogados do Brasil, Comissão de Justiça e Paz, Comitê Brasileiro

de Anistia e União Estadual dos Estudantes.

Com esta iniciativa pretende-se lançar uma ampla campanha de opinião pública contra a famigerada Lei de Segurança, de feição tipicamente fascista, responsável pela existência hoje no Brasil de um número considerável de presos políticos, padres, jornalistas e camponeses. Após discussão, as entidades presentes rechaçaram qualquer idéia de simples revisão da LSN, estabelecendo como meta a revogação sumária da Lei.

Cartazes com a figura de Tiradentes, adesivos, uma cartilha e uma ampla convocatória servirão para divulgar a campanha, e o cineasta Renato Tapajós dirigirá um filme documentário sobre o julgamento do dia 21.

Homenagem a mártires da resistência à ditadura

O estudante Alexandre Vanuchi foi assassinado nas salas de tortura do DOI-CODI em São Paulo, em 1973. Frei Tito Alencar, brutalmente torturado por Sérgio Fleury, a ponto de ser "destruído por dentro", como dizia o próprio torturador, suicidou-se na França em 1974. Estas e outras violências sempre foram praticadas em nome da "segurança nacional".

Na sexta-feira, dia 25, a Catedral da Sé em São Paulo estava repleta para uma homenagem, dos amigos e parentes, a estes democratas e um protesto contra o regime militar.

Os restos de Frei Tito foram trasladados para sua terra natal, Fortaleza, onde se realizou um novo ato, na Igreja da Sé, com mais de 4 mil pessoas presentes.

Frei Domingos, numa linguagem simples e contundente, descreveu minuciosamente as torturas bestiais a que foi submetido o jovem dominicano e que acabaram levando-o ao suicídio.

Sua irmã, vereadora Nilde Alencar, uma das mais destacadas lutadoras pela anistia no Ceará, em discurso na Câmara de Vereadores recentemente afirmou: "De modo exemplar, Frei Tito encarnou todos os horrores do regime militar brasileiro. Este é, para sempre um cadáver insulpeto". E acrescentou: "O governo pede tréguas e conciliação! Não pode haver conciliação entre opressores e oprimidos. Temos que restaurar a democracia em nosso país... Não podemos calar diante de tantas injustiças e falta de verdade, pois calar é trair!".

Democratas solidários com a Tribuna Operária

A Câmara Municipal de Olinda está solidária com os jornalistas da Tribuna Operária, ameaçados pela Lei de Segurança Nacional por matérias publicadas neste jornal. A solidariedade foi prestada por iniciativa do vereador Fernando Gondin da Motta. No Maranhão o deputado estadual liderou uma moção de repúdio às ameaças de enquadramento de jornalistas, da TO, e outros jornais, da LSN. A moção é assinada por 20 vereadores de 15 municípios e por populares.

No Rio de Janeiro, os presidentes do Sindicato dos Médicos, da Associação Médica Brasileira, da Associação dos Médicos Residentes daquele Estado e a vice-presidente da Associação Nacional de Médicos Residentes, reunidos em assembleia geral, repudiaram o arbítrio do governo em usar a LSN contra a Tribuna. Também o presidente do Sindicato dos Professores católicas e diretores do Comitê Brasileiro pela Anistia, Federação das Mulheres Fluminenses, Associação Metropolitana de Estudantes Secundários, da UEF-RJ e DCE Mário Prata solidarizaram-se conosco.

A Subsecretaria de Comunicação da União Nacional dos Estudantes expressou igualmente, em reunião de sua executiva nacional, seu apoio aos jornalistas da Tribuna. As entidades estudantis de Juiz de Fora, lideradas pelo DCE da Universidade Federal local, colocaram-se, do mesmo modo, ao nosso lado.

Em Goiânia o mini-Encontro das Classes Trabalhadoras aprovou uma moção de repúdio à

prisão e enquadramento de jornalista, padrões e políticos na LSN e solidarizou-se com a T.O., "jornal que luta em defesa da democracia, da liberdade, dos interesses nacionais e populares". Em Caxité à presidente do PMDB, Fátima Oliveira, solidarizou-se conosco indicando: "Para combater este absurdo" (o processo na LSN), "temos que ajudar o jornal, aumentando a venda, vendendo mais assinaturas e fazendo finanças extras".

Em Guarulhos, a Associação de Amigos de Bairro do Jardim Cumbica, durante uma reunião, aprovou solidariedade ao nosso jornal e enviou-nos mensagem dizendo: "Este é o jornal que apóia a classe pobre, a classe operária. Eles querem acabar com nosso jornal, mais nós estamos aqui pro qui de e vinde".

Em São Paulo, numa reunião de entidades populares, foram coletadas dezenas de assinaturas em apoio à TO, entre as quais a do presidente do Sindicato dos Padeiros, Raimundo Rosa e do vereador Walter Feldmann. De Santos chegou-nos documento de solidariedade assinado pelos ex-presidentes da OAB local, Marcelo Guimarães e Sérgio da Cunha, pelo presidente do PMDB, Oswaldo Justo, pelo presidente do PT, Edineia Lande e pelo líder deste partido na Câmara, Nobel Soares, pelo presidente da Câmara Municipal, Né Carvalho, pelo deputado estadual e vice-líder do PMDB, Rubens Larz, além de vários vereadores.

Apesar de faltarem quase dois anos para o fim do mandato do general Figueiredo, a luta pela sucessão já está nas ruas. O governo dá todos os passos políticos neste período com o objetivo de fortalecer seu candidato e criar obstáculos para os adversários. Inventará toda sorte de casuísticas para evitar que a presidência escape às suas mãos.

No Brasil, as sucessões presidenciais sempre foram motivo de luta entre facções da classe dominante. Hoje, quando as eleições são indiretas, o ponto central da disputa está no controle do colégio eleitoral que escolherá o presidente (ver TO nº 98). Na República Velha as eleições eram diretas, embora isso significasse pouco, pois o voto não era secreto, o peso dos "coronéis" era enorme e o nível político do povo, baixo. Assim as oligarquias dominaram todo esse período, escolhendo os presidentes através de acordos de cúpula.

A sucessão do presidente Washington Luís foi o motivo mais direto da crise política que conduziu ao fim da República Velha. O candidato oficial, Júlio Prestes, ajudado pelos métodos fraudulentos costumeiros, derrotou o candidato da Aliança Liberal, Getúlio Vargas. Mas a manipulação pouco adiantou: em outubro de 1930, um movimento armado derrubou-o e conduziu Vargas à chefia do governo provisório.

Democracia e reformas sociais foram as bandeiras genéricas da Aliança Liberal, resumindo as aspirações dos movimentos oposicionistas dos anos anteriores. A força principal dessas lutas era a classe média urbana, com a participação das massas operárias. Sua direção, entretanto, estava nas mãos dos setores da burguesia descontentes com o governo e latifundiários em choque com o poder central.

O golpe militar de 1938 instaura o Estado Novo

Depois de 1930 houve apenas uma eleição, indireta, para a presidência: foi em 1934, quando Vargas foi eleito pela Assembleia Constituinte. Em 1938 seu sucessor deveria ser escolhido pelo voto popular, mas o pleito foi cancelado pelo golpe militar que instaurou o Estado Novo. Em 1945 a luta pela democracia ganhou grande impulso com a derrota do nazi-fascismo. Vargas percebeu que a ditadura estava com seus dias contados e tentou adaptar-se aos novos tempos. Representando os interesses de grandes setores nacionalistas da



Castelo Branco toma posse. Depois, sempre através de "atritos internos" os generais se revezam

burguesia, tentou salvar o seu projeto de desenvolvimento nacional contra o assédio das forças reacionárias. Por isso aproximou-se dos comunistas e da classe operária, que anos antes perseguira implacavelmente. Foi deposto em 29 de outubro de 1945 por uma coligação entre militares reacionários, latifundiários e agentes do imperialismo americano.

Com o fim do Estado Novo as eleições presidenciais voltaram a ser diretas. Entre 1945 e 1964 houve uma clara tendência popular a votar em partidos progressistas e democráticos (ver TO nº 100). Mesmo assim os setores mais retrógrados das classes dominantes não desistiram de manipular a vontade popular, seja pela fraude e a violência, seja abusando da corrupção e do poder econômico.

A política brasileira nesse período foi dominada pelo conflito entre os setores nacionalistas, democráticos e progressistas da burguesia, aliados à pequena burguesia radical e em muitas ocasiões à classe operária, contra a santa aliança entre o reacionário imperialismo, seus agentes, sócios e aliados internos, e o latifúndio.

Em 1950 Vargas voltou à presidência pelo voto popular. Entretanto, com sua política vacilante frente ao imperialismo e ao latifúndio, isolou-se no poder. Em 1954, após uma ruidosa campanha conduzida pelo imperialismo e seus aliados, Vargas suicidou-se. Os setores pró-americanos avançaram no domínio da política brasileira. Mas em 1955 sofreram um certo revés com a eleição de Juscelino Kubitschek para a presidência pelo voto popular. Entretanto, iniciaram uma nova campanha reacionária, acusando-o de ter recebido apoio dos comunistas. Alguns, mais inconformados,

Disputa feroz entre generais

Pouco antes da sucessão de Castelo Branco, o então ministro da Guerra Costa e Silva, ao viajar para o exterior, declarou: "saio ministro e volto presidente". E de fato assumiu o poder. Mas não completou o mandato. Morreu de forma ainda pouco esclarecida; o vice-presidente Pedro Aleixo foi impedido de assumir por uma junta militar que impôs o general Médici na presidência. (Uma consulta entre a oficialidade tinha apontado o general Albuquerque Lima como preferido nos quartéis). — Geisel sucedeu Médici através

de um esquema de força montado por seu irmão Orlando Geisel, ministro do Exército. Figueiredo teve que demitir seu ministro do Exército Sílvio Frota e o chefe do Estado Major Hugo Abreu.

O golpe trouxe as crises da sucessão para o círculo fechado dos Altos Comandos. Mas não diminuiu a sua intensidade. Agora o general Figueiredo, além dos já conhecidos problemas "internos" enfrenta a vigorosa pressão democrática por eleições diretas.

pregavam abertamente a necessidade de uma ditadura. Por isso, para garantir a posse de Juscelino, o marechal Teixeira Lott afastou o presidente Carlos Luz, um partidário dos golpistas, num "contra-golpe preventivo".

Juscelino passou democraticamente a cadeira presidencial a Jânio Quadros em 1961. Jânio, cuja eleição fora saudada pelos conservadores como uma "revolução pelo voto", durou apenas sete meses no cargo. Ao renunciar, em agosto, provocou uma grave crise política, pois os ministros militares recusaram-se a entregar o poder ao vice João Goulart, uma espécie de herdeiro político de Vargas. O golpe militar só foi afastado pelo vigoroso movimento popular e operário em defesa da legalidade. Goulart aceitou um acordo instituindo o sistema parlamentarista, que diminuiu os poderes do presidente. Governou até abril de 1964, quando foi deposto pelo golpe militar.

Para ocupar a vaga de Goulart, os generais escolheram o marechal Castelo Branco, indicação que foi ratificada sob pressão pelo Congresso Nacional. Estes diziam que essa situação era provisória mas no ano seguinte impuseram definitivamente a eleição indireta para a presidência da República. E passaram a multiplicar os truques para burlar suas próprias leis e perpetuar-se no poder. Cada um dos generais-presidentes que se seguiram a Castelo Branco foi escolhido por um colégio eleitoral regido por normas instituídas especialmente para cada ocasião.

O marechal Costa e Silva e o general Médici tiveram sua indicação reiterada pelo Congresso Nacional. Médici, particularmente, foi escolhido pelo Alto Comando das Forças Armadas, depois de uma consulta aos oficiais superiores e ratificado por um Congresso onde o partido da

oposição, o MDB, teve 40% de seus representantes cassados com base no AI-5.

Em 1973, sob o general Médici, o colégio eleitoral foi ampliado com a inclusão de uma representação dos Estados, formada por 3 delegados mais um para cada 500 mil eleitores, indicados pelas Assembléias estaduais, com um mínimo de quatro representantes por Estado.

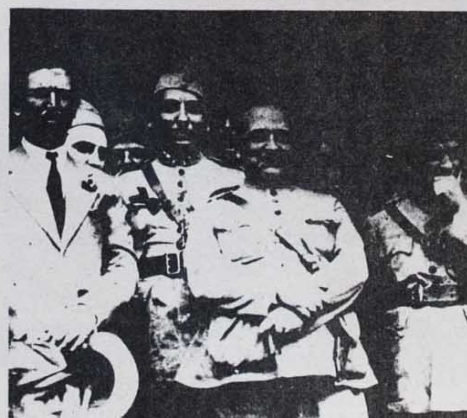
Geisel, eleito assim, aumentou a bancada governista no Congresso, dividindo Estados, criando os senadores "bônicos", aumentando a participação dos territórios e elevando de três para seis o número mínimo de deputados por Estado. passou também a calcular os delegados estaduais com base no número de habitantes e não dos eleitores — diminuindo o peso relativo dos principais centros políticos como São Paulo e Rio.

Com sua coleção de casuísticas, Geisel assegurou a passagem do poder ao Figueiredo, que por sua vez "melhorou" sua posição no colégio eleitoral estabelecendo uma cota fixa de seis representantes por Estado, indicados pelo partido majoritário nas Assembléias. Com isto o PDS poderá ter 51,3% dos votos que escolherão o próximo chefe de Estado.

A eleição indireta torna-se cada vez menos representativa. Antes de 1964, cada voto no colégio eleitoral valia apenas um, pois ele era formado por todos os eleitores do país. Em 1964 os eleitores foram excluídos da escolha e cada voto correspondeu a 40.890 sufrágios diretos. Em 1985, se as coisas continuarem assim, corresponderá a 102.796 votos populares. (ver quadro ao lado).

As eleições são episódios da luta de classes em que o poder fica momentaneamente vago. As eleições no Brasil mostram que a presença dos setores populares, principalmente da classe operária, é um fator de extrema importância para o avanço das conquistas democráticas. Quanto eles intervieram com decisão, como por exemplo em 1945 ou em 1961, os atentados à democracia foram contidos.

Desde 1945 há um crescimento eleitoral das forças democráticas. Naquele ano, o candidato dos comunistas à presidência, Yeddo Fiuza, lançado apenas quinze dias antes da votação, conquistou o 3º lugar (entre quatro concorrentes) com quase 10% dos votos. Partido desse patamar, mesmo em condições muitas vezes adversas, o povo brasileiro jamais deixou de manifestar a sua vontade através das urnas, votando nos candidatos com propostas mais condizentes aos seus interesses. Foi isso a ditadura militar tem tanto medo do voto popular. (Carlos Henrique)



Vargas chega ao poder na Revolução burguesa de 1930

O colégio eleitoral cada vez mais ilegítimo

Ano	População (milhões)	Eleitorado (milhões)	Colégio Eleitoral	Eleito	Cada voto no colégio eleitoral vale (n) votos
45	46,	27,4	6,2 milhões	Marechal Dutra	1
50	51,9	14,4	8,2 milhões	Getúlio Vargas	1
55	60,3	15,2	9,1 milhões	Juscelino Kubitschek	1
60	71,0	15,5	12,6 milhões	Jânio Quadros	1
64	78,6	19,4	475	Mal. Castelo Branco	40.890
66	83,2	23,4	470	Mal. Costa e Silva	49.760
69	90,6	25,7	380	General Médici	67.739
74	104,2	35,8	503	General Geisel	71.194
78	116,4	46,0	580	General Figueiredo	78.150
85*	139,9	70,5	686	?	102.796

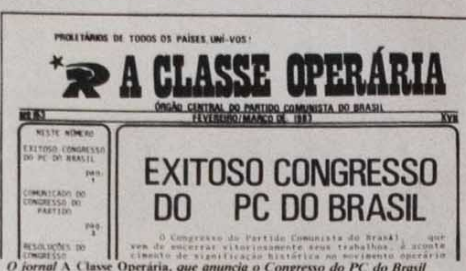
* Previsão

PC do Brasil faz Congresso da "vitória do marxismo-leninismo"

O Partido Comunista do Brasil vem de encerrar os trabalhos do seu congresso. É o que informa a última edição do jornal A Classe Operária, órgão central desse partido, que circula no país desde 1925. Segundo avalia o editorial d'A Classe, "foi o Congresso mais representativo e mais revolucionário de todos os já realizados" pelo PC do B.

"O Congresso" — comenta o editorial — "é um retrato do Partido em dado momento de sua existência. Ai aparecem as virtudes e também os defeitos. No atual, pode-se observar o avanço partidário em todos os terrenos, um salto considerável na construção do PC do Brasil. Ao mesmo tempo constataram-se deficiências que precisam ser vencidas."

"O MAIS FORTE DO PAÍS" Segundo o órgão do PCdoB, esse foi "o Congresso da vitória das



O jornal A Classe Operária, que anuncia o Congresso do PC do Brasil

ideias do marxismo-leninismo no Brasil", uma vez que "evidenciou-se a completa justeza da posição assumida quando do rompimento categórico com os revisionistas e da reorganização e defesa do Partido fundado em 1922. No início, poucos confiavam na viabilidade da reestruturação partidária à base do marxismo-leninismo; no decorrer destas duas décadas, entretanto, o Partido firmou-se de maneira definitiva. O PC do Brasil é hoje o partido de esquerda mais forte do

país, o mais experimentado, o único consequente."

Ainda constringido à ilegalidade, o PCdoB não entra em detalhes quanto a datas, locais, números e nomes. Adianta, porém, que o processo de debate das teses prolongou-se por 11 meses, com a realização em todo o país de assembleias das organizações de base, conferências distritais, municipais e regionais, e que "dezenas de delegados, eleitos democraticamente" participaram, junta-

mente com os membros do Comitê Central, das assembleias finais do Congresso.

A reunião rendeu homenagem aos 11 membros do Comitê Central e quase uma centena de outros militantes comunistas tombados na luta sob o regime militar. E escolheu como presidente de honra o secretário geral do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha, "grande amigo do nosso Partido e figura destacada do movimento marxista-leninista mundial."

Ao final dos trabalhos, sempre de acordo com A Classe Operária, foi eleito "com apoio unânime dos delegados presentes" o Comitê Central que dirigirá o Partido Comunista do Brasil até o próximo congresso, sendo que "encabeçavam a lista de candidatos veteranos e conhecidos dirigentes comunistas."

Ao apreciar este processo, o editorial d'A Classe considera que, "ao contrário dos revisionistas e dos pretensos socialistas, para os quais os Congressos são meras reuniões convencionais e se destinam aos efeitos externos, o Congresso do PC do Brasil visou fundamentalmente fortalecer o Partido, desenvolver a elaboração coletiva, educar seus militantes na prática do trabalho conjunto e da democracia interna, debater questões essenciais da luta de classes e prepará-lo para cumprir seu papel de força impulsionadora do processo político no país."

MENSAGENS AOS OPERÁRIOS

O PC do Brasil afirma que deverá dar ampla divulgação aos documentos e resoluções de sua reunião, "entre as massas ansiosas de obter respostas convincentes aos inúmeros problemas que as afetam diretamente."

Entre os materiais aprovados pelo Congresso, o jornal publica na íntegra uma mensagem dirigida à classe operária, ressaltando a necessidade da luta pelo socialismo. "O Partido Comunista do Brasil, marxista-leninista", diz o texto — está convencido de que chegou a época da revolução proletária no Brasil e em todo o mundo. A burguesia e o sistema capitalista já deram o que tinham a dar, são hoje estorvos reacionários ao progresso da Humanidade. O presente e o futuro pertencem à classe operária, única força efetivamente revolucionária.

"É na classe operária que depositamos as nossas melhores esperanças e a nossa inteira confiança no êxito total da luta emancipadora dos explorados e oprimidos" — afirma ainda a mensagem.

Goiás apura a corrupção do gal. Golbery

O general Golbery do Couto e Silva, ex-chefe da Casa Civil da Presidência da República, foi denunciado como um dos beneficiários da corrupção imperante no Estado de Goiás durante o governo do PDS, derrotado nas últimas eleições. Golbery tinha uma guarda militar especial para proteger seu sítio nesse Estado, além de outras "benesses".

que vai processar Golbery para que o Estado seja ressarcido das despesas efetuadas com a guarda.

Dias depois, num depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembleia Legislativa que apura a corrupção nos governos passados, o assistente técnico da Caesgo, Carlos Fries, denunciou que o general Golbery recebeu "20 máquinas e óleo combustível de graça para serviços em sua fazenda". E acrescentou: "Não se assustem. São vários os casos em que o ex-ministro será citado nesta CPI".

VALADÃO FLAGRADO

Dentro da campanha contra a corrupção, policiais vasculharam, no último dia 24, a fazenda de Ronaldo Valadão, filho do ex-governador Ary, do PDS, e encontraram em seu poder dois tratores, um caminhão, um Fiat e uma adubadeira pertencentes ao Estado.

O deputado Ivan Ornellas, do PMDB, que propôs a CPI da corrupção, denunciou que está sendo ameaçado de morte, com sua família, por denunciar as irregularidades do PDS.

O deputado arrolou, para a CPI, uma grande relação de negociações praticadas pelo ex-governador Ary Valadão. Entre estas consta a realização de milhares de horas de serviços de tratores, com fins eleitorais, e particulares durante a campanha para o 15 de Novembro, sem que o Estado recebesse nada como pagamento. (da sucursal)



O general Golbery, beneficiado pela corrupção. E as máquinas do Estado a serviço de Ronaldo Valadão.



O general Golbery, beneficiado pela corrupção. E as máquinas do Estado a serviço de Ronaldo Valadão.

Deputado defende a legalidade do PC

A legalização do PC do Brasil e demais partidos clandestinos no país foi defendida pelo deputado federal Haroldo Lima, do PMDB, baiano, no dia 25 de março, no Congresso Nacional.



Haroldo Lima

"É preciso que o Brasil ingresse também nessa era de democracia e respeito ao pensamento das diversas correntes políticas existentes na sociedade. Na data em que se comemoram os 61 anos de existência do PCdoB, não poderíamos deixar de defender publicamente a necessidade e o direito à legalização não só desse partido, mas de todas as outras organizações ilegais que existem neste país. A plena e total liberdade de organização partidária é, hoje, um direito da sociedade brasileira e um passo importante em direção à plena democracia que desejamos ver instalada neste país", afirmou.

PELO PROGRESSO

Em seu pronunciamento, o deputado baiano homenageou a luta dos comunistas brasileiros durante esses 61 anos, lembrando as perseguições a que eles foram submetidos: "O PC do Brasil tem, durante todos estes anos, lutado incessantemente, mesmo debaixo

Câmara Municipal de Goiânia (Goiás) realizou sessão especial "Pela Livre Organização Partidária". Da sessão participou, inclusive, um representante da Tribuna Operária, Ronald Freitas, que afirmou ser a liberdade partidária "uma exigência da nação. E isto é um pré-requisito para o avanço da democracia."

Em vários locais de Goiânia foram hasteadas bandeiras do PC do Brasil. Uma delas, colocada na Praça Cívica, permaneceu exposta por quase cinco horas, despertando a curiosidade dos transeuntes.

Em Salvador (Bahia), a vereadora Lidice da Mata, vicietor da bancada do PMDB, homenageou, em discurso na Câmara, o 61º aniversário de fundação do PCdoB, e afirmou: "Acho que um regime verdadeiramente democrático tem de permitir a ampla liberdade de organização e expressão a todas as correntes de pensamento. Um vereador do PDS, Antônio Guedes, propôs o envio ao Congresso Nacional e ao Ministério da Justiça de uma indicação da Câmara de Salvador defendendo a legalização do PC. (das sucursais)

de feroces perseguições que custaram a vida de muitos de seus membros, pela democracia, pela paz, pela liberdade e pelo progresso desse país".

Haroldo lembrou que no Congresso Nacional "já existiu a legenda do PC do Brasil, que fez parte com diversos deputados dos importantes trabalhos da Constituinte de 1946", e ressaltou que "em vários países democráticos do mundo, os partidos comunistas têm vida própria, disputando com suas legendas as eleições gerais".

LIBERDADE PARTIDÁRIA

No mesmo dia 25, data do aniversário do PC do Brasil, a

João Amazonas lança livro sobre socialismo

João Amazonas lançou na noite de 25 de março, no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, o livro "Socialismo, ideal da classe operária, aspiração de todos os povos" — coletânea de palestras de sua autoria. Mais de 400 pessoas superlotaram o auditório e cerca de 300 livros foram comprados, recebendo o autógrafo do conhecido líder comunista.

certo tempo um impulso determinado do capitalismo, as crises voltaram. E voltaram com uma magnitude que jamais haviam tido. Uma crise cíclica gigantesca alcança todo o sistema econômico e, se há alguma coisa diferente em relação às crises anteriores, é que esta demora mais tempo."

Segundo Amazonas, a comenta-ria reanimação da economia americana em 1983 "significa apenas uma previsão". E mais: "Na realidade ela se apóia nos projetos armamentistas norte-americanos, que consumiriam mais força de trabalho, mais aço, mais tecnologia". Porém "os fatores básicos que determinam a passagem do ciclo da crise, estes até agora não manifestaram absolutamente nenhum sintoma de efetiva superação. Portanto esta crise cíclica não rapidamente não será resolvida. Então esta crise não é senão a comprovação exata das teorias deste grande fundador do socialismo científico que foi Karl Marx."

O autor examinou em seguida a atualidade da tese marxista, sobre o empobrecimento relativo e absoluto da classe operária. Mostrou que quando se toma a classe operária no seu conjunto, "toda esta massa gigantesca de trabalhadores espalhados pelo mundo e assediados pela miséria", pode-se avaliar na prática o acerto da teoria de Marx. E analisou a questão igualmente polêmica da crise revolucionária no capitalismo. "Também aqui — disse — a teoria de Marx se confirma. O capitalismo é um regime em decomposição. É um regime moribundo. E as crises políticas e crises revolucionárias, que já se espalham por vários paí-



João Amazonas lança seu livro no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo

ses, não tardarão muito a se manifestar em todos os continentes". Em seguida, João Amazonas abordou o socialismo: "Esta palavra — disse — que já foi maldita, que era sinônimo de baderna, de heresia, ganha novamente espaço e em todas as línguas se ouve falar em socialismo."

SOCIALISMO PROLETÁRIO

Porém para o dirigente comunista "só há um socialismo verdadeiro, científico, o socialismo proletário fundado por Marx e Engels". E ele argumenta mostrando o exemplo de desastrosos do chamado socialismo francês depois da eleição de Mitterrand. "Eu, que passei na França naquele tempo, ouvia na televisão, no rádio, nos meetings públicos, falar-se em França socialista. Onde está o socialismo de Mitterrand, que encontramos a França com 1,4 milhão de desempregados e hoje registra 2,5 milhões de desempregados? Quer dizer o socialismo na França não era senão em engodo. A França só será socialista quando se repetir ali 1871, quando novamente os ideais da Comuna de Paris, já numa nova fase, mais desenvolvida, puderem se transformar efetivamente em realidade".

Gaúchos em greve contra as demissões na Coemsa

Os 1.300 empregados da empresa de material elétrico Coemsa, de Canoas (Rio Grande do Sul), estão em greve desde o dia 24 de março, protestando contra a demissão de 60 operários e a ameaça de dispensa de outros 300. Logo no primeiro dia, após o piquete, os grevistas realizaram uma passeata, da fábrica até o Sindicato, de três quilômetros.

A direção da Coemsa alega que poderia manter os empregados, desde que a Cee, Ches e Eletrosul saldassem suas dívidas com a empresa, no valor de Cr\$ 4,5 bilhões. E em outra fábrica, a Massey-Ferguson, os patrões pretendem diminuir a jornada de trabalho, com redução de salários.

OMBRO A OMBRO

Na assembleia dos grevistas, realizada dia 29, Paulo Paim afirmou: "Vamos ombro a ombro, pegando juntos nesta caminhada contra o desemprego". Todos os dias os trabalhadores organizam acampamentos na frente da empresa. Nas assembleias, levam a família para participar, e já estão vendendo bônus para garantir a sobrevivência durante o período de paralisação.

Importantes instrumentos de agitação entre os trabalhadores estão sendo os cartazes com os dizeres: "Trabalhadores unidos contra o desemprego", "Estabilidade no emprego, anseio dos trabalhadores do Brasil", "Os trabalhadores produzem as riquezas, e os patrões geram as crises", "Pelo direito ao trabalho", "Por uma sociedade mais justa", "Todos unidos e ninguém na rua", "Não é o desemprego que resolve a crise", e até um cartaz protestando contra o arbítrio da direção da empresa.

O vice-presidente do Sindicato dos Desenhistas, Eloin Pereira, funcionário da empresa e membro da Comissão de Negociação, afirmou: "Reivindicamos a manutenção do trabalho, pois sem ele ninguém sobrevive". É este o espírito dos grevistas, que estão conscientes de que voltar para a fábrica agora significa o desemprego.

O vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, considerou essa proposta "um desrespeito aqueles que movem a fábrica, as mãos e a inteligência dos operários."

DESRESPEITO AOS OPERÁRIOS

A própria empresa não escondem que pretende continuar as demissões, e até propôs a volta ao trabalho mediante estabilidade de 30 dias e comunicação ao Sindicato, com prazo de outros 30 dias, das demissões que seriam feitas escandalosamente. Paulo Paim, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, considerou essa proposta "um desrespeito aqueles que movem a fábrica, as mãos e a inteligência dos operários."

PARANDO O TREM

Além da comissão do Sindicato, foi formada uma de parlamentares do PMDB, PDI e até do PDS para negociar uma solução com a direção da empresa. A luta vai continuar, pois como diz um dos cartazes: "Quem toca o trem pra' frente, pode de repente fazê' o trem parar!" (da sucursal)

Pedreiros querem retomar sindicato em Curitiba

Num encontro que lotou a sede do Diretório das Ciências de Saúde foi criada a União dos Trabalhadores da Construção Civil de Curitiba, um movimento de oposição a atual diretoria do Sindicato da categoria. Vários diretores da entidade, especialmente o presidente Antonio de Santana, são acusados de tração aos interesses dos pedreiros, atrelando a entidade ao general Adalberto Massa, delegado Regional do Trabalho, e não assumindo as greves justas e legítimas dos trabalhadores.

Segundo Joaquim Orlando, dissidente da diretoria e membro da União, "temos que nos preparar para a luta para tornar nosso Sindicato um instrumento de defesa da categoria", disse no encontro. Já o pedreiro Hélio Capel, suplente de vereador pelo PMDB, falou sobre a superexploração a que são submetidos os 35 mil operários da construção civil. É o deputado federal Alencar Furtado, que prestigiou o ato, lembrou aos pedreiros presentes que a sua luta deve ser mais abrangente e defendeu "o congelamento do pagamento da dívida externa e dos remessas de lucros das multinacionais", e a luta pelo fim da Lei de Segurança Nacional. A União tem como primeira tarefa ativar a campanha salarial e a luta contra o decreto presidencial do arrocho salarial (da sucursal).

Distrito industrial de João Pessoa está desaparecendo

No último dia 27 ocorreram eleições para a União das Associações de Bairro de Caxias do Sul, havendo só uma chapa, bastante combativa. O líder operário Pedro Pozzani, eleito secretário-geral da entidade, disse a *Tribuna Operária* que "esta chapa representa o sentimento de unidade que vem crescendo entre os moradores. É a garantia de uma entidade independente, representativa e comprometida com os interesses populares".

Os mesmos temas realizaram-se eleições para 82 Associações de Bairro, ocorrendo uma grande renovação. Para Paulo Dalla Zen, eleito com expressiva votação no bairro Craner, "derrotamos a burguesia e seus lacaios que tentaram confundir o povo com promessas falsas e demagógicas".

Franco, eleito presidente da Associação de Fátima Baixa, disse que "nossa vitória representa a disposição de luta do povo por melhores no bairro e pelo fim deste regime militar responsável pela situação de miséria em que vivemos". A eleição do metalúrgico Sebastião Polícena em Vila Ipê reforçou a unidade entre o movimento popular e operário. Outra vitória significativa ocorreu em Fátima Alta, com a chapa oposicionista de Vila derrotando o imobiliário da situação. (da sucursal).

Caxias do Sul dá lição de unidade nas associações

O distrito industrial de João Pessoa, na Paraíba, está desaparecendo aos poucos. Onde antes funcionavam mais de trinta grandes e médias indústrias nada mais existe a não ser galpões abandonados. Esse quadro se agravou agora com o fechamento da Tecnorite, uma empresa têxtil. Com a falência da firma os últimos 150 operários foram dispensados, causando prejuízo para mais de 800 pessoas que dependiam desse emprego.

A direção da Tecnorite alega que a falência se deu porque a empresa estava sem mercado e sem recursos para compra de matéria-prima. Essa versão porém é contestada pelos dirigentes sindicais que pararam que toda a produção da fábrica para esse ano já estava encomendada. O Sindicato dos Têxteis vai exigir da administração da empresa, o grupo Fagan, informações sobre o mercado para seus produtos e qual o destino das máquinas da firma. Na assembleia dos despididos foi condenada a política recessiva do governo, culpando a direção pelo desemprego. (da sucursal).

Universitários em greve em Pelotas por transporte

A quase totalidade dos 4.500 alunos da Universidade Federal de Pelotas estão em greve, há mais de duas semanas, em protesto pela redução do subsídio da retorta para o transporte da cidade para o campus universitário. A greve dos estudantes começou após a Associação dos Docentes. Eles afirmam que a medida da retorta é mais um passo para terminar com o que resta da gratuidade universitária. (da sucursal).



Como disse Eliezer para a Tribuna: "O trabalhador rural sem terra é como peixe fora d'água."

cresce a violência no campo de Goiás

Oito mortos nos conflitos de terra em Goiás. Isso em apenas três meses de 1983. A brutalidade dos fazendeiros e policiais é ainda maior, ao Norte, na região do "Bico de Papagaio". Os pronunciamentos de Eliezer Bento, líder sindical, e de Aldo Arantes, deputado federal (PMDB-GO), traçam o quadro dramático do interior goiano.



Eliezer Alves Bento, da Fetaeg.

A maioria dos confrontos ocorreu em áreas sob controle do Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins (Getat), no extremo norte goiano. Em todo o Estado o monopólio da terra avança. Segundo a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (Fetaeg), havia 57.900 pequenas propriedades no Estado em 1972. Seis anos depois o total caiu quase pela metade, ficando em 34.900.

O mais recente conflito ocorreu em Itaberá. O trabalhador rural Tarcísio Satil de Medeiros foi assassinado no dia 10 de março, pelos fazendeiros irmãos Inácio. Tarcísio trabalhava em terra deles há sete anos e não aceitou as condições humilhantes por eles impostas.

UM CLIMA DE TERROR

Alguns conflitos têm ainda mais repercussão na opinião pública, pela sua brutalidade. Assim foi em 19 de julho de 1982, quando 60 jagunços armados até os dentes, dispararam 500 tiros contra um grupo de 21 lavradores. Eram chefiados por Hans Emerich, gerente da fazenda Banderantes, no município de Baliza, que pertence a uma multinacional alemã, a Board.

da Federação no "Bico de Papagaio", possivelmente em Araguaína, devido aos muitos conflitos. Atualmente a principal luta dos trabalhadores rurais é a busca da terra para trabalhar. Em segundo lugar a luta por melhores salários para os bóias-frias e a questão das melhores condições de trabalho".

O governo tem criado vários órgãos para tratar do problema fundiário, mas Eliezer não lhes dá aprovação: "O Ministério da Terra é novo e até agora não vi nenhum resultado, e nem acredito que vai ter, porque o problema da terra não se resolve criando órgãos. Será resolvido quando os trabalhadores estiverem conscientes e quando os seus verdadeiros representantes estiverem no poder".

ALDO DENFENDE OS CAMPONESES.

Em seu primeiro pronunciamento no Congresso Nacional, o deputado federal Aldo Arantes defendeu a luta pela terra. Denunciou a morte do posseiro Rufino Coelho Neto, assassinado por policiais de Araguaína e acusou o Itararé e o Getat: "Esses órgãos são os principais especuladores do norte de Goiás, pois controlam todas as terras devolutas às margens das rodovias, o que os transforma num dos maiores proprietários do país. Ao invés de utilizarem essas terras para estabelecer uma justa e necessária reforma agrária fazem especulação, gerando assim uma situação de tensão e de graves conflitos no campo brasileiro". (das sucursais de Goiás e Brasília).

Em seu primeiro pronunciamento no Congresso Nacional, o deputado federal Aldo Arantes defendeu a luta pela terra. Denunciou a morte do posseiro Rufino Coelho Neto, assassinado por policiais de Araguaína e acusou o Itararé e o Getat: "Esses órgãos são os principais especuladores do norte de Goiás, pois controlam todas as terras devolutas às margens das rodovias, o que os transforma num dos maiores proprietários do país. Ao invés de utilizarem essas terras para estabelecer uma justa e necessária reforma agrária fazem especulação, gerando assim uma situação de tensão e de graves conflitos no campo brasileiro". (das sucursais de Goiás e Brasília).

4 meses sem salário na usina falida dos Atalla

Dez mil camponeses, operários e fornecedores autônomos de cana estão há quatro meses sem receber os seus salários devido à crise que atingiu a poderosa Usina dos Atalla, em Porecatu, no norte do Paraná. Eles exigem a intervenção imediata do governo, a transformação da usina em cooperativa dos trabalhadores e a reforma agrária.

A Usina Central do Paraná, dos Atalla, deve 350 milhões de dólares aos bancos estrangeiros, 10 bilhões de cruzeiros ao Bader (Banco de Desenvolvimento do Estado), 100 milhões à Presidência Social e 160 milhões de imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) ao governo estadual. A crise foi gerada pela baixa do preço no mercado mundial, pela má administração

da empresa e pelas suntuosidades e corrupções dos Atalla. Nesta semana, num ato decisivo, o secretário do Interior do governo oposicionista, Nelson Friedrich, mandou cortar a eletricidade da indústria, que devia cerca de 70 milhões à Companhia Paranaense de Energia Elétrica. Só foi mantida a energia para as vilas camponesas e operárias. O corte acabou por paralisar totalmente a Usina, onde os operários já haviam decidido cruzar os braços para exigir seus salários atrasados ou a distribuição de cerca de 23 mil alqueires de terra".

60 HOMENS ARMADOS

O império dos Atalla está em decadência, mas sua força de repressão com cerca de 50 jagunços armados, ainda permanece atuante. Segundo Agostinho Bukoski, presidente da Federação dos Trabalhadores

na Agricultura, é ostensivo o policiamento para dificultar a ação dos grevistas. Seguido em todos os seus passos, o líder camponês não pode entrar na Usina.

Há cinco anos o grupo Atalla se recusa a ser notificado judicialmente pelas centenas de processos em andamento. Bukoski não há outra saída senão a reforma agrária nesta região. "São quatro anos seguidos de atrasos e os trabalhadores são submetidos às mais duras jornadas de trabalho". Os cortadores de cana não recebem seus salários integrais, ora por que não cumprem as cotas de produção os diários acima das possibilidades humanas, ora por serem obrigados a comprar mantimentos no supermercado da Usina, tornado-se eternamente dependentes.

Tudo em Porecatu gira em torno dela. Com a crise o comércio está fechado. Os camponeses, cerca de três mil, partem para a colheita de algodão, como bóias-frias. As máquinas da empresa continuam paradas. Enquanto isto o seu presidente, Wolney Atalla, passeia pelos corredores de Brasília buscando mais empréstimos e propõe ao Ministério da Indústria e Comércio a desmobilização de parte de seu patrimônio em troca de dinheiro. Já os trabalhadores entraram com pedido de moratória da usina que garanta os salários atrasados com correção e juros e impedindo que os superplacados façam retiradas de dinheiro dos bancos. (Tela Negro, da sucursal do Paraná).

Guardas atiram e ferem líder em Centreville

A camisa ensangüentada de Tarcísio Calé é o novo símbolo da luta dos moradores do Centreville, em Santo André. Dia 30 Calé levou um tiro disparado por um dos guardas de vigilância da firma Alerta, por defender uma nova família que se instalava numa das casas vazias. Dentro do hospital Calé não cedeu e venceu mais esta luta, a da vida.

Tarcísio da Silva Calé chegou ao Centreville junto com os primeiros ocupantes das casas, na madrugada do dia 16 de julho de 1982. Foi preso pelo DOPS, enfrentou ameaças dos policiais, mas nunca deixou de estar à frente da luta dos moradores. Por isso ganhou grande popularidade. Na noite do dia 30 houve um conflito entre os vigilantes e uma nova família que havia ocupado uma das casas vazias do conjunto. Ao saber do problema, Calé, que é membro da Comissão de Moradores, foi até o local.

Os vigilantes da firma Alerta foram contratados pela Caixa Econômica no início da ocupação e por várias vezes utilizaram-se de suas armas para fazer provocações contra os moradores. Desta vez queriam expulsar Noêmia Lima Sampaio, que junto com seu marido doente e os cinco filhos ocuparam uma casa onde eles guarda-

vam algumas sacolas. Noêmia conta que "o guarda chegou e falou que a gente tinha de sair, senão ia atirar em quem ficasse ali. Ai chegou o pessoal da Comissão conversou com eles e os guardas concordaram em sair".

Por volta das duas horas da madrugada parecia que tudo havia se resolvido e a Comissão já ia embora. Roberto Goês, da Comissão, viu quando começou o tiroteio. "Calé afastou uns cinco metros quando os agentes de segurança deram dois tiros nele e saíram correndo". Eram mais de 20 vigilantes que atiravam para todos os lados. "Havia umas 200 pessoas que correram com o tiroteio", afirma Maria da Silva, vice-presidente da União de Moradores do Centreville. "Mas a hora que disseram que haviam acertado o Calé, o povo se revoltou e foi atrás dos vigias com paus e pedras na mão".

Antonio de Souza Lima, o popular Toninho, estava junto com Calé quando ele caiu baleado. Com as balas passando a sua volta, Toninho arrastou o ferido até a casa mais próxima. Maria do Carmo Berrisoly acompanhou o amigo até o hospital e fala: "Quando Calé estava indo para a mesa de operação ele ainda pediu pro pessoal continuar a luta". Uma semana após a cirurgia ele deverá voltar para casa.

UMA PESSOA DE FIBRA

Hoje no Centreville Calé se transformou num herói. Na assembleia que houve dia 30 uma mulher chegou a desmaiar quando foi mostrada a sua camisa cheia de sangue. Tarcísio Calé, metalúrgico, tem a fibra daquelas pessoas forjadas no calor da luta junto ao povo sofrido da sua classe. Ele foi preso em 1979, quando participava da greve dos metalúrgicos em São Paulo, ocasião em que foi demitido. A operária Lúcia Sampaio o conheceu durante as lutas no Centreville e diz que ele "é uma pessoa excepcional. Ele luta para defender a nossa classe".

A agressão sofrida por Calé (acima), mobilizou os moradores do Centreville (abaixo).



Centenas de famílias ocupam casas em Belém

Mais de 40 mil famílias estão envolvidas na luta pela posse de terrenos e casas em Belém do Pará. Nos últimos dias ocorreram ocupações de conjuntos inteiros, que não têm encontrado compradores. Na última semana de março, 130 famílias invadiram um grande terreno no município de Castanhal, bem próximo a Belém.

A região de Belém e municípios próximos foi diretamente atingida pela recessão da economia brasileira. Basta dizer que o desemprego atinge mais da metade da população economicamente ativa. De um lado aparecem milhares de pessoas sem condições de pagar aluguel ou prestações. E de outro milhares de casas construídas que não encontram compradores e ficam vazias. É fogo junto com pólvora.

O caso da invasão em Castanhal é um exemplo. Um dos posseiros, João Batista, que foi preso e acusado pela polícia de ser um dos "cabeças" do movimento explicou a situação da população: "nos dorme com fome e acorda pedindo de necessidade" e foi a necessidade que levou 130 famílias a invadir um terreno desocupado pertencente a uma indústria.

é a delegacia, conseguindo sua libertação. Com o valioso apoio do advogado e deputado estadual Paulo Fonteles, eles continuam resistindo na ocupação.

CONJUNTO MAGUARI

A mais importante invasão na região de Belém foi no Conjunto Maguari. Esse conjunto habitacional, com mais de 2500 casas abandonadas, foi ocupado num processo que já passa de um ano e atinge mais de mil famílias.

As empresas que construíram o conjunto são ligadas ao Sr. Ozriel Carneiro, candidato do PDS derrotado pelo atual governador Jader Barbalho do PMDB. O quadro político impede a fácil utilização da polícia contra o povo. Sendo assim, as empresas Socilar e Vivenda apelam para guardas particulares. Alguns deles são ex-presidentes que cometem as maiores barbaridades contra os posseiros.

Segundo o depoimento de um dos moradores mais combativos, o Piauli, o clima é de terror: "No dia 20 os guardas entraram na casa de uma vizinha, jogaram todos os móveis na rua. No dia 22, invadiram as 11 horas a casa de uma mulher e puseram uma parte de suas coisas na rua. Mas nos dois casos nós conseguimos boiar as guardas para correr". (da sucursal).



Telefonistas contra o general da Telesp

As telefonistas dos postos de serviço da Telesp são submetidas a um sistema de trabalho desumano, pois permanecem às vezes 15 dias sem folga, devido ao sistema de rodízio. Como se isso não bastasse, a Companhia, dirigida por um general e sendo parte da Telesbrás, estimula o deduzismo. E quem não se enquadrar nesta disciplina de quartel sofre todo tipo de pressões, como por exemplo as avaliações feitas pela chefia imediata, umilaterais e mentirosas, onde as funcionárias não têm voz.

Só que agora a Telesp abusou. Numa manobra bem montada, está burlando a legislação, impondo para as telefonistas dos postos uma jornada de 9 horas, quando a lei só permite que se trabalhe 6. Para isso, muda a especificação em carteira para Atendente Comercial, mas com as mesmas funções anteriores. Ao impor um aumento de 90 horas mensais, a Telesp passa as telefonistas dos postos de horistas para mensalistas com o

salário atual, o que representa uma perda salarial de cerca de 47 mil cruzeiros, pois atualmente ganhamos por volta de 500 cruzeiros por hora.

Para barrar esta pouca vergonha, este roubo, as telefonistas foram ao Sindicato e propuseram um abaixo-assinado reivindicando a manutenção da jornada de 6 horas ou a manutenção do pagamento como horistas. Pedem-se também a garantia no emprego das que se recusarem a fazer novo contrato de trabalho, com a transferência para outros departamentos.

As dificuldades de mobilização são agravadas pelo medo do desemprego, mas confiamos na força de nossa união, cobrando posições práticas do Sindicato que esteve em Brasília protestando contra o arrocho imposto por Figueiredo.

(comissão de telefonistas dos postos - São Paulo, SP)



Neste número recebemos muitas cartas com denúncias vivas sobre a exploração dos carreiros de Belo Horizonte, de telefonistas de São Paulo, dos trabalhadores rurais de Altamira, Pará e outras. Destacamos em todas elas e nas demais publicadas, uma preocupação em encontrar soluções para os problemas que os trabalhadores enfrentam. Já os funcionários da Universidade de Alagoas conquistaram uma vitória preservando sua unidade em torno de uma plataforma política combativa. É um exemplo. (Olívia Rangel).

Multinacionais passaram os carreiros para trás

Somos carreiros de petróleo. Queremos denunciar que estamos sendo prejudicados escandalosamente pelo órgão do governo chamado Conselho Nacional do Petróleo, CNP. Recentemente foi criada uma portaria que determina que 20% da distribuição de petróleo deve ser feita pelas firmas distribuidoras, as chamadas "5 irmãs" multinacionais! Fornos então comandados de que no prazo de menos de 10 dias nossos caminhões seriam substituídos pelos da multinacional Liderbrás. Evidentemente os 20% de distribuição reservados às "5 irmãs" se encontram dentro do perímetro urbano. Daí os órgãos do governo criarem artimanhas para aumentar nossa exploração, pois os caminhões que utilizávamos no transporte urbano não podem ser utilizados nas estradas por causa das balanças do governo, que sempre apontam excesso de carga. Só aqui em Minas existem 10 balanças que inviabilizam o trabalho do camioneiro.

Tem mais: as companhias distribuidoras exigem que os caminhões de propriedade particular ou de aluguel sejam pintados com o padrão delas pelos próprios camioneiros, somos obrigados a utilizar uniformes da Cia, como se fossemos propriedade das multinacionais. Possuímos todas as obrigações e nenhum direito de funcionários fichados nas distribuidoras, somos obrigados a fazer cobrança de carga que não transportamos, sob pena de sermos impedidos de recarregar o caminhão. Com isto muitas vezes carregamos altas somas de dinheiro, sofrendo o risco de sermos assaltados e mortos.



Por outro lado, devido ao alto teor inflamatório da carga, vivemos o perigo de sermos queimados, além de estragarmos nossa saúde por transportarmos produtos altamente tóxicos.

Gostaríamos ainda de falar sobre os carreiros de carga seca. Estes cotizados sofrem ainda mais do que nós! Se a transportadora pega uma carga de 120 mil cruzeiros tem o descaramento de pagar apenas 40 mil ao carreiro, sendo que o diesel e as despesas gerais são às custas dele!

Assim, toda vez que levantamos de manhã vemos que estamos sendo roubados: o governo nos rouba com seus impostos e preços do óleo diesel; a polícia rodoviária federal e estadual aponta multas injustas.

(grupo de camioneiros da Grande Belo Horizonte - Minas Gerais)

FALA O POVO

Fascistas saíram chamuscados na PUC

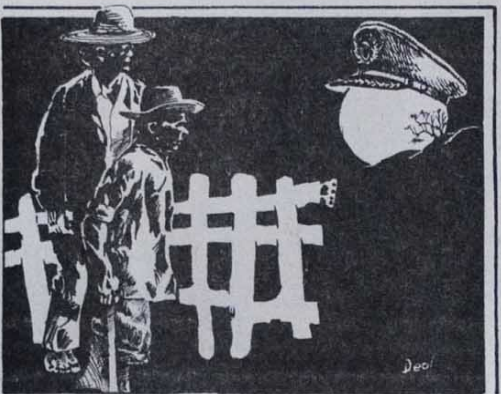
Na noite de quinta-feira, 24 de março, alguns elementos de direita da PUC-SP, o "Grupo Chama", notoriamente conhecido por suas posições fascistas e que tem uma triste história dentro da universidade, como o apedrejamento dos estudantes presos durante a invasão da PUC em 1977, comandada pelo Coronel Erasmo Dias e o envolvimento nos atentados às bancas de jornais.

Durante a sua gestão, tentaram transformar o Centro Acadêmico em um clube assistencialista, descaracterizando a sua função de estar à frente dos estudantes em suas reivindicações e suas lutas, desestimulando a participação ativa dos estudantes dentro da universidade.

No dia 24, por volta das 20:00 hs., quando a nova diretoria resolveu tomar a Atléica, os rapazes do "Grupo Chama" recusaram-se a sair, trancando-se lá dentro, apesar da intervenção do DCE-Livre e do Vice-Reitor, Padre Edênio. Os fascistas só saíram fugindo por uma porta interna, quando os estudantes mais exaltados arrombaram a porta principal, sob os aplausos de toda a comunidade que, indignada, gritava: "Linchá!" e "Fora, fascistas!!!"

Com essa mobilização, toda a comunidade que se aglomerou diante do C.A. demonstrou o repúdio da maioria dos estudantes diante da reação e do fascismo dentro da PUC.

(núcleo de apoio à TO - PUC/SP)



Fome e atrocidades do latifúndio em Altamira

Fome, miséria, atrocidades e outros tipos de injustiças são fatores predominantes na região de Altamira, Pará, principalmente ao longo da Transamazônica, na área canavieira. A situação é tão alarmante que o bispo da Prelazia da Igreja do Xingu, D. Erwin Krautler, ao participar de um encontro com comunidades eclesiais de base em Porto Alegre, denunciou a existência de muitas injustiças contra os colonos e pequenos proprietários de terras na região, "provocadas por latifundiários que não respeitam o trabalho dos agricultores nem a posse de terras dos minifundiários".

Falando para uma platéia de 300 pessoas, o bispo afirmou ainda que "a Igreja deve preocupar-se também em difundir ao povo seus direitos de viver com dignidade". Denunciou

atrocidades que estão sendo cometidas por latifundiários e empresas instaladas na Transamazônica contra os agricultores, sem que os culpados sejam punidos.

Em fevereiro foi divulgado um manifesto contra esse tipo de perseguições, que incluem assassinatos de colonos, e em solidariedade com os agricultores perseguidos pelas grandes empresas como a Conan. O manifesto não foi enviado ao governo Federal porque, segundo o bispo, as autoridades de Brasília nem acusaram "o recebimento de um manifesto feito há um ano, quando ocorreu o assassinato dos colonos Antônio Raimundo da Silva e Manoel Raimundo de Souza, a mando dos usineiros". (do correspondente-Altamira, Pará).



Nossa greve é justa e não temo a demissão

Trabalho como vigilante bancário no centro de São Paulo contratado pela Sbil (Segurança Bancária e Industrial Ltda). Os nossos patrões nos pagam um salário de 42 mil cruzeiros enquanto que os bancários pagam 230 mil à Sbil para cada vigilante. Existem outros que estão em piores condições, recebem só 30 mil por mês.

Com este salário não dá para pagar aluguel, ônibus, comida, água, luz, gás, sem falar da roupa que temos de comprar para nossos filhos. Eu compro roupas para meus dois filhos num bazar da Igreja que vende roupas doadas. Se não fossem as assistentes sociais nossas crianças ficariam nus e sem remédios. Moro em um barraco em Vaz de Lima num terreno da prefeitura. Deixei de pagar

aluguel e fui para a favela porque senão meus filhos passariam fome.

Faço parte da comissão organizadora da greve. Acho a greve justa e precisamos lutar por isto. A semana passada fui fazer um piquete com mais 29 pessoas no Shopping Center Ibirapuera. Fui detido pelo chefe da segurança interna que ameaçou o restante se não saíssem da frente do Shopping. Logo a seguir, a guarda de segurança passou a nos agredir e rasgaram nossas faixas.

Eu sei que vou ser mandado embora, sou novo na firma e já dei entrevista em vários jornais denunciando as nossas péssimas condições de trabalho. Mas se tivesse que começar, faria tudo outra vez. (G.M. - um vigilante bancário grevista - São Paulo, SP).

Abaixo-assinado com 100% de adesões dá certo

Os servidores da Universidade Federal de Alagoas, lotados no Hospital Universitário, conseguiram uma grande vitória: a redução da jornada de trabalho. Desde a paralisação do ano passado os servidores da Ufal reivindicam uma diminuição da carga horária pois, como não tinham conseguido o reajuste pretendido, era uma forma de minimizar o prejuízo. A maioria dos Centros já trabalhava 30 horas semanais e no dia 1º de março a Reitoria também diminuiu sua jornada de trabalho, sendo seguido pelos demais Centros. Porém o Hospital continuou com 40 horas e o diretor não aceitava reduzir.

Contudo a revolta dos servidores do Hospital era

muito grande. Recebíamos o mesmo salário de fome dos outros Centros e trabalhávamos duas horas a mais por dia. Fizemos um abaixo-assinado com os colegas de todos os departamentos do Hospital, onde se destacaram os setores de Manufatura, Enfermagem, Dietética e Lavanderia, com 100% de assinantes. Marcamos o dia 7 para a entrega do abaixo-assinado, em comissão com representantes de todos os Departamentos. E recebemos a resposta que esperávamos. Desde o dia 14 todos passaram a ter 30 horas semanais. Com isso vimos que só no caminho da união e da luta é que conseguimos vitórias. (grupo de apoio a TO no Hospital Universitário - Maceió, Alagoas).

Roubo de peões em Mariana é um caso de polícia

Desconheço existir alguma obra pior do que a do Alcindo - Convap, de Mariana, trabalhando atualmente para o vale do Rio Doce. Para que se tenha uma ideia, fui demitido daquela obra no dia 3 passado, após quase oito meses de trabalho lá. Quando me dirigi ao Banco Real, tinha somente quatro meses de Fgts em minha conta vinculada, sendo que o restante tive de reclamar na Justiça do Trabalho em Ouro Preto e até hoje aguardo solução.

Na obra tem um time de engenheiros que não resolve nada a favor do peão. O chefe do escritório, um tal de Jorge, anda para baixo e para cima o dia todo e, o que é pior, movido a álcool. Quando fui receber os meus direitos fiquei bastante triste com o tratamento. Segundo o caixa,

o dinheiro ainda não tinha vindo de Belo Horizonte. Isto é golpe, pois ali os peões trabalham para enriquecer os engenheiros e os "gatinhos" de nome Jorge, Mondadi e Benitino.

Eu residia nos alojamentos da obra em Antônio Pereira. Meus colegas residentes em Mariana comentavam diariamente durante a jornada de trabalho que estes três "anjos" toda noite torravam dinheiro na parte boêmia de Mariana, inclusive em Ouro Preto, onde o tal de Jorge desfilava com carros da Convap. Parece que naquela obra não existe fiscalização do Ministério do Trabalho, ou mesmo da empresa, pois o roubo contra os peões é demais, e caso de polícia. (Heitor - TO em Itaptinga - Minas Gerais).

Sindicato compra a briga e mostra quem tem razão

Aproximadamente 80 operários da empresa João Marfisi & Cia Ltda enfrentam sérios problemas: falta de material de segurança e de higiene, a insalubridade não é paga corretamente, alto nível de ruído, não pagamento de horas extras. Além disso, os operários sofrem pressão da empresa ao falar sobre o sindicato.

Um boletim do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção e do Mobiliário de Bento Gonçalves denunciou o não cumprimento da legislação trabalhista. Na tentativa de intimidar o sindicato, a empresa está processando o presidente Edvino Pilezari, por "atonia e incitação da luta de classes". A resposta veio em seguida.

Vários empregados e ex-empregados da empresa deram uma entrevista à imprensa local confirmando as denúncias feitas pelo sindicato.

Desmoralizados perante a opinião pública, os patrões já falaram em desistir do processo. Mas o Sindicato não concordou e já reivindicou uma junta de inspetores e médicos da Delegacia do Trabalho para realizar uma perícia sobre as condições de trabalho na empresa. Edvino informou à Tribuna que "aqueles que apoiaram o sindicato foram quase todos demitidos. O sindicato não tem interesse em desistir do processo e provará todas as irregularidades denunciadas". (do correspondente em Caxias do Sul - Rio Grande do Sul)

Quem é mesmo de oposição não se alia com o PDS

Nós, moradores de Vila Prudente, que participamos do processo eleitoral para o Pleno das Sociedades Amigos de Barro, vimos a público denunciar a atitude do vice-presidente do diretório do PMDB na região, José Raimundo, ex-candidato a vereador. Numa atitude antidemocrática e desrespeitosa, inclusive a posição do Diretório, que apoiou a Chapa 2 com uma plataforma de luta avançada, ele aliou-se a gente notoriamente conhecida como do PDS e outras do PTB para criar a Chapa 1.

Usando sua posição de vice-presidente do Diretório, José Raimundo fez propaganda da Chapa 1 dizendo

que a apoiava enquanto membro do PMDB.

Além disso, as eleições se deram de forma irregular. E José Raimundo apoiou o candidato a presidente pela Chapa 1, Damiano Ginenes do PTB, que não pertence a nenhuma Sociedade Amigos de Barro! A Chapa 2 não teve acesso às listas de entidades que participaram do plebiscito. E votaram entidades que não estavam no plebiscito. Por isso, rejeitamos esta atitude de José Raimundo, que se diz de oposição, mas age como cabotagem do PDS. E apoiamos a Chapa 2, que representa os interesses democráticos dos SABS (amigos da TO em Vila Prudente - São Paulo, SP).

Alunos exigem eleição democrática na escola

A diretoria da Escola de Primeiro Grau Prof. Marina Cintra impede a formação de chapas para o Centro Cívico da Escola. Alega que os professores farão indicação dos alunos para a nova diretoria da entidade, mas

nós não aceitamos esta tutela e este atrelamento.

Os alunos queriam democracia e liberdade para se organizarem de maneira livre e independente. (grupo de alunos do Marina Cintra - São Paulo, SP).



Cena de "Sargento Getúlio", de Hermano Penna. Lima Duarte (ao fundo), melhor ator.

Macalé: "Direito autoral é uma desmoralização, no Brasil!"

Os compositores de música popular organizaram-se na Comissão Nacional dos Compositores e estão exigindo a intervenção do Estado no Escritório Central de Arrecadação de Direitos Autorais (Ecad). Eles denunciaram um verdadeiro roubo realizado por essa entidade contra seus interesses. A *Tribuna Operária* ouviu o compositor Jarid Macalé a respeito:

T.O. Qual a sua participação na luta pelos direitos autorais?

Macalé: Em 1973 ajudei a organizar o primeiro show propriamente político desde 1964. Esse show deu origem a um disco, "Direitos Humanos no Banquete dos Mendigos", que ficou proibido por cinco anos. Tinha a participação de Paulinho da Viola, Chico Buarque, Milton Nascimento, Macalé, Gonzaguinha, Gal Costa, entre outros. Na mesma época, participei da fundação da sociedade dos Músicos Brasileiros — Sombrás. Os sindicatos estavam presos e não atendiam aos músicos. Daí fundamos uma sociedade sem fins lucrativos para estudar e propor tentativas de solução para alguns problemas da música brasileira e seus aspectos éticos, econômicos e estéticos. A Sombrás deu origem ao Projeto Pinguinha e aos primeiros debates sobre direitos autorais. Daí surgiu o projeto da Comissão Nacional de Direitos Autorais — Cnda —, su-



Por dois filmes de sucesso, Macalé recebeu Cr\$ 322,57

bordinada ao Ministério da Educação. O Cnda estabelecia normas de arrecadação de direitos autorais. O Cnda estabeleceu os Escritórios de Arrecadação de direitos autorais. O CDA estabeleceu os Escritórios de Arrecadação — Ecad —, mas a arrecadação fugiu ao controle do

compositor. É o preço da falta de experiência. Assim, o Cnda não tem mais força sobre os Ecads e os compositores firmam na situação atual. Por exemplo, não se cobram direitos autorais de TV, Rádio, clubes noturnos, FM de elevador, etc.

T.O. De que vive um compositor?

Macalé: (rindo). Eu vivo graças às Forças Armadas. Meu pai era oficial da Marinha e eu divido a pensão com minha mãe — Cr\$ 150 mil para cada um. Viver honestamente, com responsabilidade e lutando pela independência da cultura nacional é quase impossível só com o dinheiro do direito autoral. Para se ter uma idéia, dos filmes Amuleto de Ogun (1975) e Tenda dos Milagres (1977), premia-díssimos, e que passaram por toda a Europa, eu recebi como renda do exterior Cr\$ 322,57. Isso é uma desmoralização! Muitas vezes, quando vou receber direitos autorais, saio pela Cinelândia gritando que fui roubado e chamo a polícia. Junta um monte de gente.

T.O.: E os compositores que não são famosos?

Macalé: Se comigo acontece isso, você imagina com outros, menos conhecidos. Tem de mudar tudo. Os músicos ainda têm que estudar suas relações éticas, estéticas e econômicas. Compreender para poder obter alguma coisa. É preciso muita inteligência, pois a corrupção é mais forte que a honestidade: (Fernando/Ernesto - Rio).

O cinema político vence o XI Festival de Gramado

A vitória do filme "Sargento Getúlio", de Hermano Penna, no XI Festival de Cinema de Gramado (Rio Grande do Sul), foi de certa forma uma alívio em relação às atuais e futuras produções nacionais cinematográficas. "Sargento Getúlio" chegou ao Festival sem o aparato publicitário de "Rio Babilônia", de Neville de Almeida, e saiu consagrado.

O tema eminentemente político, centrado no personagem Sargento Getúlio (que deu o prêmio de melhor ator a Lima Duarte) surge como um veio novo e pouco explorado no cinema brasileiro da última década.

"Sargento Getúlio" trata da trajetória de um policial militar que prende um militante udeista em pleno sentido de Sergipe e inicia uma marcha até Aracaju para entregar o "subversivo" às autoridades da capital. Durante a caminhada, há uma reversão na situação política, e o policial recebe ordens de libertar o prisioneiro, ignorante e tentando ser fiel às determinações anteriores, o sargento nega-se a soltar sua presa.

Na sua ingenuidade, ele é um personagem violento, que compensa sua incapacidade de entendimento da complexa ordem política com sucessivos

espancamentos e torturas ao prisioneiro. Numa torrente de emoções, convulsões ainda mais pela andor, o sentido nordestino, o policial acaba por se confrontar num tira-teima com seus próprios companheiros de caserna, que saem em sua perseguição, já que ele fora considerado um rebelde.

O filme de Hermano Penna esteve "na gaveta" durante quatro anos por falta de recursos para finalização. A película foi filmada originalmente em 16 mm pelo jovem diretor paulista e a muito custo obteve financiamento, no ano passado, para transpô-la para a bitola agora apresentada, de 35 mm.

ACORDOS DAS ELITES

Falando sobre a escolha de "Sargento Getúlio" como melhor filme deste ano, o crítico de cinema e teatro, Antônio Hol-

fied, disse que "o filme teve a unanimidade da crítica, jornalistas, júri e público. Além de ser técnica e esteticamente perfeito, ele aborda com uma objetividade admirável a questão da violência institucional que é praticada por subalternos, sempre que não se tem uma estrutura efetivamente democrática no sistema político. Mais que isso, faz a denúncia, que não é nova, de como as elites do país sempre subvernam, através de acordos, preservar seus interesses, mesmo às custas destes mesmos subalternos, dos quais se utilizam quando lhes interessa".

Este último Festival de Gramado, na realidade, foi o festival dos curta-metragens. Foi em realizações como "Tzuba Tzuma", de Flávio del Carlo, ou no "Fuzarca no Paraíso", de Regina Redia, ou ainda em "Mato Eles", de Sérgio Bianchi, que se mostraram as melhores tendências do cinema nacional. Em produções baratas e curtas, os diretores e realizadores driblaram o barroquismo das grandes produções e apresentaram um cinema crítico e, acima de tudo, de muita criatividade. (da sucursal).

Nordestinos realizam show em S. Paulo



A cantora Anastácia apresenta-se no show da União dos Nordestinos

Anastácia, Jorge Melo, Belchior e a Banda de Pifanos de Caruaru foram os principais destaques da "Fúlia Nordestina", promoção que a União dos Nordestinos de São Paulo realizou, no último dia 27, na Praça da Sé. Milhares de pessoas assistiram às apresentações que os artistas nordestinos realizaram, gratuitamente, em homenagem aos migrantes que vivem em São Paulo. O prefeito de São Paulo, Altino Lima, também nordestino, esteve presente. (José Pereira da Silva).

Já à venda a Princípios n.º 5

Artigos de João Amazonas, Jaime Sautchuk, Fábio Campana, entrevista com Stálin, entre outros assuntos na nova edição de *Princípios*.

Pedidos para a Editora Anita Garibaldi Ltda — Rua Major Quedinho, 300, sala 3, São Paulo, SP, CEP 01050; fone 37-7298. Envia um cheque nominal de 400 cruzeiros à editora e recebe seu exemplar à domicílio.



LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA COM ANOS DEPOIS DE MARX

Marx e o movimento sindical

Numa resolução escrita para a I Internacional em 1866 Marx assinalou que "além de sua função imediata de reação contra as dúbias manobras do capital, os sindicatos devem atuar como centros de organização da classe operária, com vistas à sua radical emancipação".

DEFESA DO SALÁRIO

Marx viveu numa época em que os sindicatos ainda tinham uma prática relativamente recente. Em muitos países europeus, até quase metade do século passado, as organizações sindicais ainda eram ilegais. Mas como correspondem a uma necessidade concreta dos trabalhadores, apesar de todas as perseguições, estas organizações brotavam por todo lado.

O papel imediato do sindicato é impedir que o nível dos salários seja rebaixado pela pressão dos patrões. Embora a burguesia diga que o contrato entre o capital e o trabalho é feito em termos equitativos, o capital é uma força social concentrada, enquanto o operário isolado só tem a sua força de trabalho individual. Enquanto os operários são pressionados pela fome, o capitalista pode reduzir os salários e obter maiores lucros.

Os sindicatos surgem como uma forma espontânea dos trabalhadores para eliminar, ou reduzir, a concorrência entre eles e com isso se colocarem em melhores condições nas negociações com os patrões, no estabelecimento de contratos de trabalho mais razoáveis.

EMANCIPAÇÃO DE MILHÕES

Por influência de Karl Marx, a Internacional tratou de fortalecer estas organizações, de unificar os sindicatos a nível internacional e de elevar o seu nível de consciência. Na resolução já citada, Marx observa que "os



Os trabalhadores unem-se nos Sindicatos em defesa de seus interesses

sindicatos se ocupam em demasia e exclusivamente com as lutas locais e imediatas contra o capital. Ainda não são suficientemente conscientes de tudo o que podem fazer contra o sistema de escravidão assalariado. Tem-se manifestado bastante separados dos movimentos mais gerais e das lutas políticas". E mais adiante, mostra que "ao se ocuparem das indústrias mais miseravelmente remuneradas como a indústria agrícola, farão nascer, nas grandes massas operárias, a convicção de que, em lugar de se circunscreverem aos limites estreitos e egoístas, seu objetivo tende à emancipação de milhões de proletários subjugados".

trabalhador, mas uma necessidade na situação atual de luta entre o trabalho e o capital". E mostrando a necessidade da união da classe operária em seu conjunto, dizia mais adiante: "No que concerne à organização das greves, nos ramos da produção onde ainda não há sindicatos, sociedades de resistência e socorros mútuos, é interessante criá-los e depois solidarizar entre si todos os sindicatos de todas as profissões e de todos os países. Em cada federação local deve-se instituir um fundo destinado a sustentar os grevistas".

ORIENTAÇÕES ATUAIS

Estas orientações de Marx, há mais de 100 anos, continuam inteiramente atuais. Até hoje é comum encontrar dirigentes sindicais que procuram reduzir o movimento aos problemas locais e imediatos e, nos movimentos grevistas, vacilam em unir as diversas categorias para ter mais força diante do patrão e do governo.

Ajude a imprensa operária a crescer

Desejo receber em casa a *Tribuna*. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

- Anual de apoio (52 edições) - Cr\$ 7.000,00
- Semestral de apoio (26 edições) - Cr\$ 3.500,00
- Anual comum (52 edições) - Cr\$ 3.500,00
- Semestral comum (26 edições) - Cr\$ 1.750,00
- Assinaturas do exterior - US\$70,00

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade:

CEP:

Data:

Estado:

Telefone:

Profissão:

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318
Telefone: 36-7531 (DDD 001) Telex: 01132133 TLPO BR

Jornalista responsável: Pedro de Oliveira
Coordenador de Redação: Rogério Luitoso, Bernardo Joffy, Olívia Hange

Bucareia: ACRE - Rua Belém, 91 - Estação Experimental - Rio Branco - CEP 69900
AMAZONAS - Rua Simon Bolívar, 231-A - Vila de Salvador - Caxuaí - Pílar - 1438
MARIANHO - CEP 69000
PARÁ - Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - CEP 66000
MARANHÃO - Rua do Machado, 174 - Centro - São Luís - CEP 65000
PIAUÍ - Rua Benedito Mendes, 150 - São José - Teresina - CEP 64000
CEARA - Rua do Roberto, 313, sala 206 - Fortaleza - CEP 80.000 - Iguaraçu - CEP 62.100
RIO GRANDE DO NORTE - Rua Floriano

de Silva, 1098 - sala 102 - Alecrim - Natal - CEP 59000
PARAIBA - Rua Padre Nêira, 30, sala 106 - Centro - João Pessoa - CEP 58.000
Rio Venâncio Neves, 315 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58.100
PERNAMBUCO - Rua 7 de Setembro, 42, 7º andar, sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50.000, Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 - Guanarins - CEP 55.300
ALAGOAS - Rua Cincinato Pinto, 183 - Maceió - Centro - CEP 40.000, Av. Getúlio Vargas, 250, sala 101 - Fala de Sertão - CEP 44.100, Rua Corpo Santo, 32 - Bairro 909-46 - Camarari - CEP 42600, Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204 - Itabuna - CEP 45600
SERGIPE - Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40.000, Av. Getúlio Vargas, 250, sala 101 - Fala de Sertão - CEP 44.100, Rua Corpo Santo, 32 - Bairro 909-46 - Camarari - CEP 42600, Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204 - Itabuna - CEP 45600
MINAS GERAIS - Av. Amazonas, 481 - Belo Horizonte - CEP 30.000, Rua 09 - Curumirim - CEP 346-355 - Governador - CEP 32000, Galeria Constança Vilela, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36.100
GOIÁS - Av. Armação, 5.001, sala 1.329 - Centro - Goiânia - CEP 74.100
DISTRITO FEDERAL - Ed. Góes, sala 352 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317, CEP 70.317

MATO GROSSO - Rua Comandante Coia, 548 - Cuiabá - CEP 78000 - CEP 78.000
ESPÍRITO SANTO - Rua General Osório, 127, sala 508 - Vitória - CEP 29.000
RIO DE JANEIRO - Rua São José, 40, sala 2206 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20.000, Rua Carvalho de Souza, 105, Loja F - Madureira - CEP 20.000, Av. Amarel - CEP 20.000, Rua Nunes Alves, 45, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25.000, Rua Olívio Tenjúnio, 74, sala 600 - Centro - Noyé Iguaçu - CEP 26.000
SÃO PAULO - Rua Jurubatuba, 1.716, sala 9, 1º andar - São Bernardo do Campo - CEP 08.100, Rua Santa Catarina, 38, sala 303 - São Caetano do Sul - CEP 09.500, Rua Professor Luis Rossa, 94 - Campinas - CEP 13.100
PARANÁ - Av. Winston Churchill, 2030, sala 101 - Foz de Iguaçu - Curitiba - CEP 80.000, Rua Sergipe, 891, salas 7 e 8 - Londrina - CEP 96.100
RIO GRANDE DO SUL - Rua General Câmara, 52, sala 200 - Centro - Porto Alegre - CEP 90.000, Rua Dr. Montebelo, 658, 1º andar, sala 15 - Caxias do Sul - CEP 96.100

A *Tribuna Operária* é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda, Imprensa na Cia. Editora Joffy, Rua Gastão da Cunha, 40 - Fone: 531.8000 - São Paulo - SP

Os 60 mil vigilantes de S. Paulo vão à greve

Os vigilantes de empresas bancárias e industriais de São Paulo entrarão em greve dia 24, exigindo piso salarial de Cr\$ 57.000,00 e um adicional de 30% de periculosidade. Comandos de piquetes percorreram toda a capital arrebanhando novos grevistas e denunciando à população às suas péssimas condições de trabalho, aos gritos de "Vigilante não é escravo".

"Não é brincadeira sair de casa de manhã para a porta do banco sem saber se a gente vai voltar vivo ou dentro de um caixão de defunto". Esta frase de um vigilante bancário mostra um pouco da tensão vivida durante cada dia de trabalho. Apesar de colocarem em risco a sua vida para defender o capital dos patrões, eles recebem salários miseráveis.

O presidente da Associação de Vigilantes, Josimar Lucas de França, diz que "os patrões estão fazendo propostas sem-vergonha, que só revoltam a categoria cada vez mais". Os e presários aceitaram pagar nas um piso salarial de Cr\$ 50.000,00 e não querem negociar o risco de vida dos vigilantes. "Os vigilantes têm arantia de vida, mas só depois que morrem", afirma Josimar.

Devido à intransigência patronal, a disposição de luta dos grevistas é muito grande.

Todas as manhãs dezenas de piquetes percorrem as ruas da capital. É fácil convencer os que ainda estão trabalhando a parar. Na porta da empresa de vigilância Alerta, na rua dos Andradas, um dos vigilantes comentava: "Muitos de nós vêm da estação até aqui a pé para economizar. Mas o patrão deixa o carro no estacionamento pagando Cr\$ 700,00 por dia, enquanto o salário do vigilante é de Cr\$ 1.200,00".



Passeata dos vigilantes grevistas pelas ruas de São Paulo

Uma carta dos vigilantes da Sbil (Empresa de Segurança Bancária e Industrial), dirigida ao governador Montoro, mostra um pouco da situação em que vivem. "Nós não somos máquinas ou escravos para trabalharmos 12 horas por dia e ganharmos uma irrisória quantia" afirma o texto. "Nós ganhamos Cr\$ 40.066,00 por mês e é descontado Cr\$ 2.215,00 do fardamento, que dizem ser emprestimo em conta corrente, quantia esta que nunca tem fim. Do nosso salário, com todos os descontos, restam-nos apenas Cr\$ 31.683,83. Perguntamos: vocês acham que com este ordenado um pai de família consegue sobreviver?", termina o documento.

Baixos salários e lucros fabulosos

Não é por falta de lucros que as empresas de vigilância pagam baixos salários. Seus lucros são fabulosos. Os bancos pagam a elas cerca de Cr\$ 200.000,00 por cada vigilante. Um homem que conhece bem o esquema destas arapucas é o coronel Erasmo Dias. Na época que era secretário da Segurança Pública de São Paulo afirmou que "esse negócio se transformou em uma brutal fonte de lucro".

Na Estado são 46 empresas onde trabalham 60 mil pessoas. Quase sem exceção os seus donos são militares da reserva ou ex-polícias. Um exemplo é a Sbil, citada acima, cujo proprietário é o trulucento delegado de polícia aposentado Cecil Borer. Estas firmas costumam exorbitar de suas funções, como ocorreu com a Guardian, em 1976,

que montou um cárcere na Construtora Alfredo Martins, no bairro de Santo Amaro, para espancar operários.

Estas companhias sugam ao máximo seus empregados, aproveitando que a maioria deles não tem qualificação profissional. Geralmente as vítimas são migrantes nordestinos arrebanhados quando chegam a São Paulo. Laurentino é um exemplo. Trabalhava numa usina de açúcar em Alagoas e há 11 anos está em São Paulo. Hoje mora no Jardim I de Outubro, num terreno ocupado, onde fez seu barraco. Ganha Cr\$ 43.000,00 por mês, mas só de condução para o trabalho gasta Cr\$ 300,00 diários. Toma uma kombi, trem e metrô.

Onze vigilantes mortos em 2 anos

As reclamações dos grevistas são as mais variadas. Uma delas é que as empresas exigem que eles paguem Cr\$ 60.000,00 quando um assaltante lhes rouba a arma. Entre 1981 e 82 foram roubadas 675 armas dos vigilantes em 676 assaltos. Neste período foram mortos 11 vigilantes e 29 ficaram feridos. Por isso os grevistas não abrem mão da exigência do adicional de 30% de periculosidade.

Durante a assembleia de terça-feira o deputado Aurélio Peres foi muito aplaudido ao afirmar que "você vigilante guardam o dinheiro dos bancos mas recebem um salário de fome". Este salário de fome muitas vezes leva ao desespero, como ocorreu há algum tempo numa agência bancária da avenida Rio Branco. O vigilante apontou a arma para a cabeça e puxou o gatilho. (Domingos Abreu)



Durante as assembleias os cartazes dos grevistas mostravam a causa da greve

Mães dos presos da América Latina acusam os generais

Um ato de repúdio aos regimes militares do Cone Sul da América Latina. Foi assim a comemoração do quarto aniversário do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, ocorrida no dia 25 de março, no plenarinho da Assembleia

Legislativa do Rio Grande do Sul. Participaram do ato, com grande emoção, as mães da Praça de Mayo da Argentina e mães de desaparecidos do Brasil e do Uruguai. Foi tocante o relato da uruguaia

Angélica Casseres de Julien, que depois de ter seu filho, nora e dois netos desaparecidos no Uruguai, descobriu em 1979 que seus dois netos foram abandonados em Valparaíso, no Chile, numa noite de natal.



Júlia Krishchke e as mães dos desaparecidos.

Jair Krishchke, do Movimento de Justiça, denunciou a prisão de 50 jornalistas argentinos, na noite do dia 24 de março, na revista *La Semana*. Denunciou ainda que em março três pessoas foram seqüestradas na rua Joana De Arco, em pleno centro de Montevideú.

Estavam presentes as mães da Praça de Mayo Nora Cortinas e Carmen de Lapadula, as uruguaias Milka de Prietto e Angélica Casseres de Julien e as brasileiras Herme-linda Bronca, Mariza Haas e



Angélica Casseres de Julien Sara Basso. O jurista Omar Ferri declarou com firmeza: "os mortos são um exemplo para que continuemos a lutar e para que não se de tregua a estes militares que entregaram nosso país à espolição estrangeira."



Brasão erguidos em Vila Euclides: os metalúrgicos rejeitam o truque sujo da FIESP

Metalúrgicos recusam migalhas dos patrões

"Greve! greve!". Este brado foi insistentemente gritado na assembleia dos metalúrgicos de São Bernardo, na quarta-feira, com oito mil operários nas urnas em frente ao Sindicato. Mais uma vez foi recusada a proposta de migalha salarial oferecida pelos patrões e os 38 Sindicatos dos metalúrgicos do interior paulista farão assembleias na próxima semana.

A disposição de luta dos metalúrgicos era visível na face revoltada de cada operário. Houve até piquetes na avenida próxima do Sindicato para parar os ônibus que conduziam os trabalhadores da Volks, com a ajuda dos motoristas que desviaram a rota dos veículos. A proposta da Fiesp — órgão dos patrões — não teve nem condições de ser votada, devido à vaia intensa. "O pessoal veio mais animado para a assembleia. Ou os patrões cedem ou uma nova greve vai estourar no ABC" — afirmou, satisfeito, um metalúrgico da Perkins.

O acordo com os empresários já havia sido rejeitado na assembleia de Vila Euclides, no domingo, que contou com cerca de 25 mil operários, lembrando as históricas greves de 1978, 1979 e 1980. "Agora nos vamos voltar para dentro das fábricas em clima de guerra" — conclamou Jair Meneguelli, presidente do Sindicato, em Vila Euclides. Nos dias seguintes foram feitas poucas horas-extras, "o fundo de greve dos patrões", e notou-se em algumas grandes fábricas "o corpo mole dos peões na linha de montagem", como relatou um horista da Ford. Por um triz esta fábrica não parou no início da semana, havendo "grande vontade de cruzar os braços a qualquer hora para pressionar os patrões".

Jogada dos patrões para dividir os metalúrgicos

Fruto da grande assembleia e do "clima de guerra", a Fiesp, que havia se recusado a reabrir as negociações, teve que voltar atrás e ofereceu 1,5% de produtividade para os que trabalham em empresas de até 50 empregados, quando a proposta inicial era zero de produtividade. Mas ela não mexeu nos outros míseros índices de produtividade.

A jogada dos patrões, ao escalonar o aumento em até 6% só para as firmas com mais de seis mil operários, visava dividir os metalúrgicos, marginalizando cerca de 300 mil que trabalham em firmas com menos de seis mil operários em todo o interior. Afinal só três grandes fábricas, a Volks, Ford e Mercedes, tinham os 6% de produtividade. E mesmo estes são ilusórios, pois seriam aplica-

O exemplo de Taubaté

Num exemplo para todos os metalúrgicos em campanha salarial, seis mil operários da Volks e da Ford de Taubaté abandonaram a produção na tarde de quarta-feira. A greve foi um alerta aos patrões e na segunda-feira os metalúrgicos da região realizaram nova assembleia quando, caso a Fiesp continue intransigente, poderão decretar greve.

Na Ford, a fundição, que num primeiro momento não parou, veio a engrossar a greve após um arrastado feito em todos os setores da fábrica. Na Volks, os 3.500 empregados, desde horistas até mensalistas, pararam imediatamente e no pátio aplaudiram João Batista, o mais novo dirigente sindical da Volks, que afirmou: "Não temos mais nada a perder. Nos últimos 18 anos perdemos 50% dos

nossos salários e o responsável é o regime militar que entregou o país ao FMI. Agora é a hora da greve geral". Ele citou a proposta dos ganchos de greve nacional no dia 18 de maio e foi ovacionado. Nos cartazes feitos pelos operários se lia: "O patrão só escuta nossa voz quando as máquinas estão paradas". "Chega de ser explorado, esta parada é apenas aperitivo". E todos cantavam: "Ole, óle, se não vier aumento a Volks vai parar". Os nomes de seis luta-greves e do feitor Fernando foram denunciados na assembleia.

Para Luis Carlos, presidente do Sindicato, "o governo já dividiu o país, entregando as partes mais ricas às multinacionais, e hoje tenta dividir os metalúrgicos. Contra isso, paramos e esperamos que a exemplo frutifique". (da sucursal)

dos sobre o novo decreto-lei de arrocho do general Figueiredo. Em média os metalúrgicos destas três grandes empresas ganhariam apenas 3% de produtividade e o restante não ganharia nada além do fajuço INPC.

"Não podemos nos curvar ao decreto-lei do Figueiredo"

Num primeiro momento esta manobra patronal chegou a confundir alguns dirigentes sindicais e ativistas das grandes fábricas do ABC. Mas com a pressão das outras empresas e, particularmente, dos Sindicatos do Interior que rejeitaram a proposta da Fiesp, estes sindicalistas foram alertados. "O Sindicato não é só da Ford, da Volks e da Mercedes. É de toda a peãozada que ficou sem nada de produtividade, num acordo lazarento. Por isso ninguém pode aceitar a miséria, tem que permanecer unido", disse na reunião da comissão de mobilização um dos seus membros.

"Não vamos aceitar a proposta patronal, que é ridícula", afirmou Jair Meneguelli à Tribuna Operária. Ele expli-

"Os patrões devem voltar à mesa de negociações"

Logo depois da Semana Santa os metalúrgicos dos 38 Sindicatos do interior tentaram reabrir as negociações. "Frente a nossa mobilização eles devem voltar à mesa de negociação, já fizeram isto uma vez", afirma um membro da Comissão de Fábrica da Volks que participa das negociações. Novas assembleias serão feitas. Em São Bernardo a data não foi fixada, mas no restante do interior será na quarta-feira. (Altamiro Borges)



O estádio cheio lembrou o período das grandes greves do ABC